

Dezembro
2014

88 fato e razão

Movimento Familiar Cristão
www.mfc.org.br

Conselho Diretor Nacional

Francisca e José Hildo Pereira de Oliveira
Maria Inês e Gerson Pereira Pepe
Marisa e José Galdino Ulysses
Raimunda e Francisco de Assis Rocha Albuquerque
Sônia e Adalberto Rezende de Jesus

Editoria e Redação

Hélio Amorim
Arlete e João Borges
Itamar David Bonfatti
Jesuliana do Nascimento Ulysses
Maria do Carmo Freitas Schmitz
Marly e José Maurício Guedes
Rita e Luiz Carlos Torres Martins
Terezinha e Oscavo Homem de C. Campos
Francione e Ricardo R. Werneck
Rua Barão de Santa Helena, 68
36010-520 Juiz de Fora-MG

Distribuidora Fato e Razão

Atendimento Assinaturas

Livraria do MFC

Pedidos de Publicações MFC
Rua Barão de Santa Helena, 68
36010-520 Juiz de Fora-MG
Telefone: (32)3214-2952 de 13:00 às 17:00h
E-mail: livraria.mfc@gmail.com

Impressão

Gráfica Santa Rita
Rua N. Sra. de Lourdes, 425
36070-450 - Juiz de Fora - MG
Telefone: (32)3215-7060
orcamento@graficasantarita.com.br

Arte e diagramação

Anderson Nogueira - amarartesvisuais@gmail.com

Circulação restrita sem fins comerciais

Capa:

Imagem publicada em www.osmais.com

Mudanças nas relações intrafamiliares _____	4
<i>Helio Amorim</i>	
A atualidade de Hélder Câmara, meio século depois _____	7
<i>Gerolamo Fazzini</i>	
A era da vulnerabilidade _____	10
<i>Joseph E. Stiglitz</i>	
A erradicação da pobreza _____	12
<i>Marcelo Barros</i>	
A soma será melhor _____	15
<i>Sérgio Magalhães</i>	
A terceira via da Colômbia _____	17
A vida e suas transformações... _____	19
Alfabetizar as emoções, um antídoto contra a violência _____	20
<i>Deonira L. Viganó La Rosa</i>	
Câmara na contramão das ruas _____	23
<i>José Fortunati</i>	
Cegueiras, de ideias _____	25
<i>Nei Alberto Pies</i>	
De presidente da paz a senhor da guerra _____	27
<i>Rupert Cornwell</i>	
Dez dicas de felicidade _____	29
Em tom de celebração _____	31
<i>Déa Januzzi</i>	
Inevitabilidade Humana _____	33
<i>Marcelo Gleiser</i>	
Inveja, um pecado Capital _____	35
Na pressa e na pressão _____	37
<i>Rosely Sayão</i>	
O Papa Francisco e a economia da exclusão _____	39
<i>Leonardo Boff</i>	
O poder do jeitinho _____	42
<i>Carlos Alberto Sardenberg</i>	
Obrigado Senhor _____	45
Paz e Terra _____	47
<i>Frei Eliseu Lopes</i>	
Salmo do homem que vê a realidade e não se cala _____	51
Saudades ao pé de um ipê amarelo _____	53
<i>Maria Clara Lucchetti Bingemer</i>	
Quem sou eu, quem é você e quem somos nós? _____	56
Natal, tempo de felicidade que chega _____	57
<i>Oscavo Homem de Carvalho Campos</i>	



MUDANÇAS NAS RELAÇÕES INTRAFAMILIARES

Helio Amorim

A sociedade humana evolui e se transforma com velocidade crescente em sua cultura, costumes, comportamentos e visão de mundo. No passado, bem menos de um século, não era assim. Os mais velhos eram ouvidos pelos mais jovens, respeitados por sua experiência de vida. Transmitiam aos que chegavam ao cenário da vida adulta os valores humanos, familiares, sociais e religiosos tradicionais, considerados imutáveis. As relações de jovens e adolescentes com seus pais e avós eram de curiosidade e aprendizagem, as influências externas ativas mas limitadas. As crianças e os jovens pediam a bênção aos seus pais. O rádio, ruidoso e às vezes mudo, já representava uma primeira ruptura nesse universo restrito de relações internas nas famílias. Era o mundo chegando às nossas casas, por via eletrônica insipiente, sem passar pelo crivo da escola ou das igrejas. O cinema já progredia e mostrava o mundo antes distante. Durante a Segunda Guerra as famílias já acompanhavam os horrores vividos no velho



mundo, colorindo mapas com as notícias dos avanços nazistas e depois do dia-D a invasão aliada até a rendição.

A partir desse momento histórico de restauração da paz num cenário de destruição e mortes, os avanços tecnológicos acelerados para atender às demandas militares foram reorientados para a paz no pós-guerra. As casas foram invadidas pela televisão que ampliou o alcance do rádio e do cinema como formadores de nova cultura nas relações familiares. As ciências humanas dispararam, abalaram valores tradicionais e romperam os limites das crenças e dos catecismos. A





tensão cresceu nas relações dos mais velhos com os jovens nascidos nesse novo cenário de quebra de paradigmas culturais e religiosos que a partir de então foi se agudizando até rupturas irreversíveis. O diálogo entre gerações ficou mais complexo, com seguidos conflitos e acordos, aos poucos redesenhando novos modelos de relações familiares.

As Igrejas foram também desafiadas a rever suas doutrinas sobre a família, para acolher e responder aos desafios da modernidade questionadora. O resultado é decididamente positivo para a humanização da sociedade e ao aggiornamento das Igrejas. Vale a pena avaliar essas mudanças a partir do Concílio Vaticano II, agora retomadas com vigor pelo papa Francisco. Com a ajuda das ciências humanas e da pesquisa teológica, a Igreja vai revendo e reformulando velhas concepções e interpretações da vontade de Deus, reformulando seus ensinamentos, modificando suas práticas, em suma, submetendo-se à inspiração divina sempre presente mas à qual tantas vezes a Igreja terá se fechado, ao longo dos tempos.

Essa constatação das profundas mudanças na sociedade moderna ativadas pelos avanços científicos e tecnológicos deveria

induzir a mais humildade dos formuladores das doutrinas e normas canônicas ou pastorais, com maior abertura à novidade que surge dos estudos dos teólogos e às interpelações dos cristãos leigos adultos que as questionam. É desses confrontos fraternos e construtivos que lentamente emerge a verdade, purifica-se a doutrina, humaniza-se a Igreja.

A postura repressora do passado ainda se abate sobre teólogos e leigos que contestam questões mal resolvidas na vida da Igreja, interferindo nas relações familiares. Mas começam a ser reavaliadas pelo povo de Deus, provocado saudavelmente por uma consulta inédita do papa aos leigos de todo o mundo, na preparação do sínodo dos bispos sobre a família, neste ano. Na pauta, dentre outras questões, o celibato forçado dos sacerdotes, o impedimento do casamento religioso e à participação na Eucaristia de divorciados que voltam a se casar, o reconhecimento da sacramentalidade da sua união, as uniões homoafetivas, com adoção de filhos, e outras questões antes fechadas, sequer admitindo discussões, não obstante a inconsistência das bases teológicas que as sustentavam.

Estamos assim, no patamar de novos tempos nas relações





intrafamiliares, sociais e eclesiais, abertos ao muito que seguirá mudando nos próximos anos e décadas, permitindo-nos relativizar as “certezas” que hoje ainda se impõem. É claro que tudo o que se refere ao amor e à justiça, à humanização e à esperança cristã, à caridade e à solidariedade humana, permanecerá como essência da mensagem evangélica nas relações

humanas. O resto é dinâmico e evolutivo, criações humanas sob influxo da cultura, entendimentos provisórios, sujeitos a revisões em vista do avanço das ciências e da reflexão teológica que nenhum autoritarismo impedirá.

*Hélio Amorim, Engenheiro
membro da REDE e do MFC.
helio@abcconsultoria.org.br*



A vírgula pode ser uma pausa... ou não

Não, espere,
Não espere.

Ela pode sumir com seu dinheiro. 23,4.

2,34.

Pode ser autoritária.

Aceito, obrigado.

Aceito obrigado,

Pode criar heróis.

Isso só, ele resolve,

Isso só ele resolve,

E vilões,

Esse, juiz, é corrupto.

Esse juiz é corrupto.

Ela pode ser a solução.

Vamos perder, nada foi resolvido. Vamos perder nada, foi resolvido.

A vírgula muda uma opinião.

Não queremos saber,

Não, queremos saber.

Uma vírgula muda tudo.



A ATUALIDADE DE HÉLDER CÂMARA, MEIO SÉCULO DEPOIS

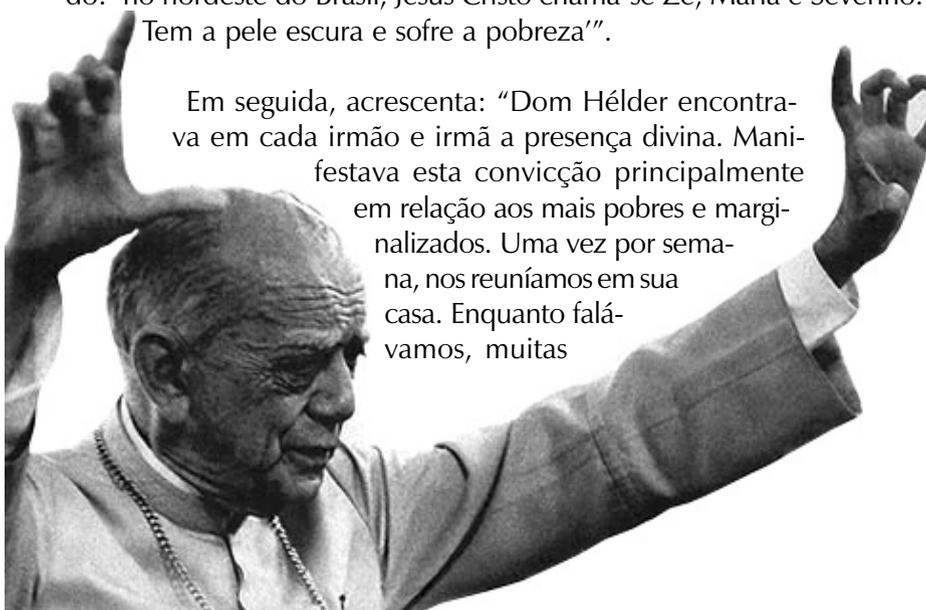
*Gerolamo Fazzini**

Em 12 de abril de 1964, entrava na Arquidiocese de Olinda e Recife dom Helder Câmara: um homem que marcaria a história da Igreja brasileira e que, após seis anos na arquidiocese, *The Sunday Times* definiria como “o homem mais influente da América Latina, depois de Fidel Castro”.

A chegada a Recife deu-se poucos dias depois do golpe de 1º de abril, com o qual chegou ao poder o regime militar que dirigiria o país durante 20 anos. O então neo-arcebispo, que até esse momento era auxiliar do Rio de Janeiro, não demorou a denunciar os excessos dos militares, embora houvesse apoiado posturas conservadoras poucos anos antes.

Quando chegou a Recife, Câmara não quis ser recebido na catedral, mas na praça, no meio do povo. Marcelo Barros, abade beneditino e teólogo da libertação, colaborador de Dom Hélder durante 12 anos, escreveu o seguinte na revista *Nigrizia*; “O arcebispo exortou dizendo: ‘no nordeste do Brasil, Jesus Cristo chama-se Zé, Maria e Severino. Tem a pele escura e sofre a pobreza’”.

Em seguida, acrescenta: “Dom Hélder encontrava em cada irmão e irmã a presença divina. Manifestava esta convicção principalmente em relação aos mais pobres e marginalizados. Uma vez por semana, nos reuníamos em sua casa. Enquanto falávamos, muitas





peças batiam à porta. Ele mesmo se levantava e as recebia. Às vezes se demorava, ouvindo-as. Dizia: ‘É importante recebê-las pessoalmente, porque não quero perder o privilégio de acolher o próprio Senhor’.

Essas características humanas cheias de humildade e delicadeza, além da sua dimensão profética de defensor dos direitos humanos, fazem com que, 15 anos após sua morte, sua figura e sua mensagem sigam tendo forte atualidade e eloquência. Pude confirmá-lo pessoalmente há poucas semanas, quando visitei a Igreja das Fronteiras, em Recife, onde Dom Hélder viveu durante muitos anos, nos modestos aposentos que estão ao lado da Igreja.

Sua casa canônica foi transformada em museu. E mais que na catedral de Olinda, onde se encontra sua tumba, uma pequena multidão se reúne justamente ali cada domingo para visitar a casinha, com sua biblioteca (Guitton, De Lubac, Martin Luther King, Irmano Schutz, Garaudy...) e seu quarto, no qual ainda se encontra a rede multicolorida que usava para dormir.

No segundo andar há uma exposição permanente com os objetos que narram a intensa vida deste personagem. Câmara

ra foi não apenas um dos protagonistas do Vaticano II, embora nunca tenha falado durante as sessões de trabalho (basta ler as cartas reunidas em “Roma, duas da manhã”), mas também uma das vozes mais autorizadas do mundo na denúncia das injustiças e do subdesenvolvimento. Como testemunham numerosos reconhecimentos internacionais, desde as medalhas até os títulos de cidadão honorário, passando pelos doutorados Honoris Causa.

Mas, entre todos os motivos pelos quais sua figura segue sendo tão familiar destaca-se sem sombra, de dúvida esse sonho de “uma Igreja pobre e para os pobres” que tanto se parece com a Igreja que o Papa Francisco quer. Além disso, exatamente uma das frases pronunciadas pelo atual Sucessor de Pedro parece uma das de dom Hélder Câmara. Bergoglio disse aos jovens belgas que o entrevistaram há alguns dias: “Ouvi uma pessoa que disse: ‘Sempre falando dos pobres! Este Papa é um comunista’. Não, esta é uma bandeira do Evangelho: a pobreza sem ideologia, os pobres são o coração do Evangelho de Jesus”. Muitos anos antes, o “bispo vermelho” (como os seus adversários o chamavam), usou uma expressão muito parecida: “Quando dou de comer a um





pobre, me chamam de santo. Mas quando pergunto por que um pobre não tem comida, me chamam de comunista”.

Bete Barbosa, uma senhora de idade que faz parte do Instituto Dom Hélder Câmara e se ocupa das publicações do “bispinho” (outro apelido, embora mais carinhoso, de Câmara), confirma: “Em muitas atitudes e palavras do Papa Francisco encontram-se tons semelhantes aos de dom Hélder. A começar pelo zelo com as pessoas, por suas necessidades”. Confirma-o também Luis Tenderini, italiano, mas naturalizado brasileiro há mais de 40 anos, e que foi o “braço direito” de Câmara na diocese e na Fundação Emaús Recife: “Do primeiro encontro pessoal com ele, em julho de 1979 (quando me convidou para colaborar na atividade pastoral), sempre me lembro do seu gesto final: ao terminar o encontro me acompanhou até o portão, e esperou até que desaparecesse da sua vista. Mais tarde descobri que fazia o mesmo com todos os que o visitavam. [...] Em dom Hélder conheci um profeta com espírito de poeta; tinha o estilo tranquilo dos sábios e um coração imenso de pai e mãe, de pastor”.

Outro aspecto em que dom Hélder e Bergoglio se parecem

é seu modelo franciscano: não de ecologista “new age”, nem de rebelde apreciado por publicitários, mas de autêntico homem de Deus. Nas cartas do bispo brasileiro há constantes referências ao santo de Assis. Pode-se ler em uma carta de 17 de setembro de 1964 o seguinte: “São Francisco nutria um profundo amor pela Igreja; foi um dos maiores inovadores que Deus suscitou; depois de Cristo e da Virgem, ninguém entendeu e amou os pobres como ele”.

Concluimos com uma alusão à semelhança espiritual com outro grande Papa, que será santo dentro de poucos dias: João XXIII. Entre o arcebispo de Recife e o Pontífice de Bérgamo houve um vínculo muito forte. Em uma carta de 1964, Câmara cita o episódio de um encontro com Mons. Loris Capovilla, secretário de Roncalli: “Me abraçou quase chorando de alegria e comoção, e disse que poucos dias antes havia lido minha mensagem de chegada a Recife, ‘uma mensagem que o Papa João teria subscrito, feliz’”.

**Gerolamo Fazzini é jornalista italiano. A tradução é de André Langer. Fonte: IHU. Publicada originalmente por VaticanInsider.*





A era da vulnerabilidade

Joseph E. Stiglitz*

Dois novos estudos mostram, mais uma vez, a magnitude do problema de desigualdade que aflige os Estados Unidos.

O primeiro, o relatório anual sobre renda e pobreza do Escritório do Censo, mostra que, apesar da suposta recuperação econômica após a Grande Recessão, a renda dos americanos comuns continua estagnada. A renda doméstica média, ajustada pela inflação permanece abaixo de seu nível de um quarto de século atrás.

Costumava-se pensar que a maior força dos EUA não era seu poder militar; mas um sistema econômico que causava inveja ao mundo. Mas por que outros iriam emular um modelo pelo qual uma grande parcela – a maioria mesmo – da população viu sua renda estagnar, enquanto ela não para de crescer no topo da pirâmide?

Um segundo estudo, o Relatório sobre o Desenvolvimento Humano 2014, do Programa da ONU para o Desenvolvimento (Pnud),



corroborar isso. Todo ano, o Pnud publica um ranking de países pelo seu Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), que incorpora outras dimensões de bem-estar além da renda, incluindo saúde e educação.

Os EUA estão em quinto, segundo o IDH, abaixo de Noruega, Austrália, Suíça e Holanda. Mas, quando se foca o índice na desigualdade, o país cai 23 lugares – entre as maiores quedas dentre os países altamente desenvolvidos. De fato, os Estados Unidos ficam atrás da Grécia e da Eslováquia, países que as pessoas não consideram propriamente modelos ou competidores dos EUA no topo das tabelas.

O relatório do Pnud enfatiza outro aspecto do desempenho de





uma sociedade: a vulnerabilidade. Ele aponta que, enquanto muitos países conseguem tirar sua gente da pobreza, a vida de muitos ali ainda é precária. Um acontecimento qualquer como uma doença na família, pode jogá-los de novo na penúria. O descenso social é uma ameaça real enquanto a ascensão é limitada.

Nos EUA, a ascensão social é mais mito do que realidade, enquanto o descenso e a vulnerabilidade são experiências amplamente compartilhadas. Isto se deve parcialmente ao sistema de assistência médica, que ainda deixa os americanos pobres em posição precária, apesar das reformas do presidente Barack Obama. Aqueles no pé da pirâmide estão a um passo da ruína, com tudo que isto acarreta. Doença, divórcio ou perda do emprego são muitas vezes suficiente para jogá-los na rua da amargura.

A lei “obamacare” de 2010, destinava-se a reduzir essas ameaças. Mas, em parte, devido a uma decisão da Suprema Corte e à teimosia de governadores e legisladores republicanos, que em duas dúzias de estados se recusaram a expandir o Medicaid (seguro médico para os pobres) – mesmo com o governo federal pagando quase toda a conta – 41 milhões de americanos continuam sem o seguro.

Quando a desigualdade econômica se traduz em desigualdade política – como acontece em grandes áreas dos EUA – os governos dão pouca atenção às necessidades dos que estão na base da pirâmide social

Nem o PIB nem o IDH refletem mudanças ao longo do tempo ou diferenças entre países no que se refere à vulnerabilidade. Mas, nos EUA e em outros países, houve um acentuado declínio na segurança. Os que têm emprego se preocupam em se conseguirão mantê-los; os desempregados temem que não consigam um.

Independentemente da rapidez com que o PIB avança, um sistema econômico que não consegue ganhos para a maioria dos cidadãos, e no qual uma parcela crescente da população enfrenta cada vez mais insegurança, é um sistema econômico falido. E são falidas políticas, como a de austeridade, que aumentam a insegurança e baixam a renda e o padrão de vida de grande parte da população.

** Joseph E. Stiglitz, Prêmio Nobel de Economia é professor da Universidade de Columbia.*

Transcrito de O Globo

N.R.: Parece-nos oportuna uma análise sobre as deficiências do “american way of life”..





A erradicação da pobreza

Marcelo Barros*

ADITAL

Já se constata que, com exceção da América Latina, no mundo inteiro, o número de pobres tem aumentado. Isso ocorre não como uma fatalidade do destino ou acidente da natureza e sim como consequência do modo de organização injusta da sociedade. O Capitalismo é, por natureza, excludente e por seu próprio modo de ser agrava a diferença entre pobres e ricos.



ceira parte do que as grandes potências gastam com armamentos e a indústria da guerra.

Atualmente, se considera mais próspera a empresa que menos necessita de funcionários, porque assim dá mais lucro. Então, o desemprego se torna destino de uma imensa multidão de homens e mulheres que têm suas condições de vida deterioradas. Nesses dias, um relatório do Instituto da ONU que pesquisa o clima informou: as péssimas condições de tráfego de nossas cidades têm agravado os problemas de saúde da população e a realidade econômica já difícil de nossos países. A ONU declara que, com 300 bilhões de dólares, poderia superar a pobreza no mundo. Ora essa soma é apenas a ter-

Nenhum dos países ricos está disposto a diminuir esses gastos. No plano econômico, há três anos, os governos destinaram 180 bilhões de dólares para salvar bancos privados em crise por causa da corrupção de seus dirigentes que, aliás, em nenhum momento, tiveram diminuídos seus astronômicos salários. O papa Francisco tem chamado a atenção para o fato de que se a bolsa de Londres ou Tóquio perde 10% é uma calamidade. Mas, se, como ocorreu na semana passada, centenas de africanos perdem a vida nas praias





de Lampedusa, a maioria da sociedade europeia não dá a menor importância a isso.

Na Itália, a Universidade do Bem Comum tem proposto que os movimentos sociais e grupos da sociedade civil comecem a pressionar para que, em todos os países, passe a ser considerada ilegal toda política que gera ou aumenta a pobreza. Por trás de todo processo de empobrecimento, há uma estrutura iníqua de distribuição desonesta da riqueza.

A pobreza que se espalha no mundo atual atenta contra ao menos cinco dos direitos fundamentais proclamados pela ONU em 1948. Há quase 70 anos, na Declaração Universal dos Direitos Humanos, a ONU já afirmava que toda pessoa humana tem direito à segurança alimentar, à moradia, ao trabalho, à saúde e à educação.

Atualmente, mesmo países que tradicionalmente garantiam alguns desses direitos básicos de seus cidadãos destruíram o chamado “estado de bem estar social” e, hoje, têm sucateado seus serviços de saúde, de educação e de assistência social.

A pobreza pode ser combatida por medidas conjunturais, mas se não vamos até a raiz doente da árvore, não conseguiremos curá-la. Se um sistema social está envenenado não pode ser sanado pelo uso do mesmo veneno que o deixou mal. Não será o Capitalismo que pode tirar o mundo dessa crise estrutural. Conforme a ONU, na América Latina, os países que, nos anos recentes, mais conseguiram diminuir a pobreza e a desigualdade social foram os que optaram claramente pelo novo processo bolivariano, especificamente a Venezuela, o Equador e a Bolívia.

Essa própria realidade grita à consciência da humanidade e de toda pessoa que busca aprofundar um caminho espiritual. Só a solidariedade social e política poderá nos unir no grande mutirão para libertar a humanidade da pobreza, da fome e da desigualdade social. Quem segue a fé cristã vê, nesse caminho uma antecipação do projeto divino para o mundo, mesmo se ainda parcial e com defeitos. Conforme o evangelho, Jesus afirmou: “O reino de Deus não virá de fora. Ele está entre vós e em vós” (Lc 17, 21).

**Marcelo Barros é Monge beneditino*

***A maneira de ajudar os outros é provar-lhes
que eles são capazes de pensar.***

Dom Hélder Câmara



COISAS DAS QUAIS NUNCA NOS LEMBRAMOS:

Os Sete Pecados Capitais:

Gula, Avareza, Soberba, Luxúria,
Preguiça, Ira e Inveja.

Os Doze Apóstolos:

- 1 Simão Pedro;
- 2 Tiago (o maior);
- 3 João;
- 4 Filipe;
- 5 Bartolomeu;
- 6 Mateus;
- 7 Tiago (o menor);
- 8 Simão;
- 9 Judas Tadeu;
- 10 Judas Iscariotes;
- 11 André e
- 12 Tomé.



Após a traição de Judas Iscariotes, os outros onze apóstolos elegeram Matias para ocupar o seu lugar.

AVISO AOS ASSINANTES

1. Para renovação de sua assinatura utilize **PREFERENCIALMENTE** o envelope de depósito bancário que lhe for encaminhado.

2. Se utilizar outro envelope ou fizer uma transferência, **NÃO DEIXE DE NOS INFORMAR**, pelo telefone (32) 3214.2952, de 13:00 às 17:00 h ou pelo endereço eletrônico da livraria: livraria.mfc@gmail.com

3. Caso a remessa de sua revista seja interrompida, favor também nos comunicar pelos meios acima, pois seu pagamento poderá estar pendente de identificação.

4. O vencimento de sua assinatura será comunicado com a remessa do último número pago, juntamente com o envelope bancário para depósito da renovação.

Temos o máximo interesse em continuar a mantê-lo como assinante.

A soma será melhor

Sérgio Magalhães*

O Brasil se encontra ante um desafio inédito. A resposta terá implicações essenciais para o desenvolvimento, a equidade, o meio ambiente e para a própria democracia.

O sistema político foi surpreendido em 2013 pela força das ruas e pensou absorvê-la no âmbito das eleições de 2014. Pode se surpreender outra vez. Os contornos imprevistos avançam além do embaute eleitoral e pedem novos encaminhamentos. O cerne da questão é o modo como a população urbana tem sido (mal) tratada.

O Brasil viveu longo período de crescimento demográfico e de urbanização da população. A expansão das cidades era vista como natural. E os problemas urbanos,

como típicos do crescimento, justificando as imprevidências e a falta de planejamento. Construímos importante sistema de cidades, mas metade sem saneamento, péssimo transporte, moradias precárias. Contudo, a sensação de futuro se preservava.

Agora, quando a população pára de crescer; a base muda. As cidades terão outras referências, e os movimentos de 2013 sinalizam nesse sentido seria o tempo de qualificar as cidades.

Vivemos, porém, fenômeno social que dobrará as cidades atuais. Hoje, no país, vivem três pessoas em cada domicílio urbano; em uma geração, serão duas pessoas. Sem crescer a população, isso implica aumentar em 50% o número de moradias, a que se adicionarão a substituição das obsoletas, novos equipamentos, novas infraestruturas e serviços exigidos pela dinâmica geral. É possível estimar que,





em 25 anos, um outro Brasil urbano se somará ao Brasil urbano de hoje.

Mas o sistema de cidades está dado, pouco mudará. Se persistirmos no modelo urbanístico atual, rodoviarista e predador de territórios, as cidades continuarão se expandindo. Expandir sem aumento de população significa o esvaziamento da cidade nas áreas hoje consolidadas. Isto é, infraestruturas subaproveitadas, transportes mais caros e mais demorados. Sobre tudo, a inviabilidade dos serviços públicos pelos altos custos. Ou seja, o aumento da desigualdade.

Como fazer com que a cidade universalize os serviços públicos, qualifique os espaços comuns, garanta a mobilidade adequada? Como alcançar a boa cidade, condição para o desenvolvimento econômico e social?

O Brasil precisará construir uma agenda especial para trocar o modelo urbanístico. Não é fácil, é necessário. Cada dia no modelo antigo mais extensa, menos densa e menos bem servida fica a cidade. Mais maltratada a população.

A nova cidade precisará se somar à cidade



existente ficando onde está. Ao invés de dispersar as construções, concentrar e manter a população. O aproveitamento dos vazios urbanos e equipamentos degradados, bairros inteiros a recuperar, a urbanização dos assentamentos populares e redes de transporte de alta capacidade são algumas medidas nesse sentido.

É uma agenda que pede nova gestão pública, planejamento compartilhado e projetos consequentes. São eles que desenharão a cidade democrática.

Fazem parte deste século XXI a compreensão sobre as vantagens da equidade, o respeito às razões do planeta e as virtudes da democracia – componentes essenciais do ideário contemporâneo. As cidades, maior artefato da cultura, desenham-se sintonizadas no tempo.

O desafio é inédito porque, de fato, o país ainda não enfrentou a questão urbana. Está na hora.

Sérgio Magalhães é arquiteto

Transcrito de O Globo





A terceira via da Colômbia



Julia Sweig

Em 1935 Franklin Roosevelt disse diante de uma convenção do Partido Democrata que seus programas social, trabalhista e de obras públicas do “New Deal” tinham provocado a ira dos “oligarcas econômicos” dos EUA. Filho dessa própria classe, Roosevelt “saudou” ironicamente o repúdio de sua classe e, com “noblesse oblige”, “realpolitik” e coração aberto, forjou o contrato social progressista americano que permitiu a coexistência do capitalismo com a democracia no século 20: Seu “New Deal” gerou a “Grande Sociedade” de Lyndon Johnson; ambos, que envolveram gasto de receita governamental com população e aprovação de leis para regular meio ambiente, finanças e mercados, reforçaram a autoimagem americana de meritocracia e mobilidade social. Devido à sua capacidade ampla de limitar conflitos sociais e polarização, o contrato social de Roosevelt e Johnson conquistou a adesão de republicanos ardentes – Nixon e

até Reagan –, antes de o partido sucumbir ao caos criado pelos elementos periféricos de hoje.

Décadas mais tarde, o velho consenso se metamorfoseou em outro mais bem encarnado na “terceira via” de Clinton, Blair e Cardoso, de “tanto mercado quanto possível e tanto Estado quanto necessário”. Essa frase vem do presidente Juan Manuel Santos, herdeiro de uma das famílias mais ricas da Colômbia que, tendo burocratizado suas credenciais de linha dura como Ministro da Defesa de Álvaro Uribe, hoje conduz a Colômbia por um momento transformador de sua história. Seu governo e as Farc, trabalhando há dois anos em Havana, já negociaram três dos quatro componentes principais de um acordo de paz, após 50 anos de insurgência e guerra que criaram milhões de vítimas entre mortos, sequestrados, torturados, deslocados e empobrecidos.

Em Nova York no início desta semana, ouvi Santos falar sobre conceitos como eliminar a pobreza,

reduzir a desigualdade, instituir a reforma agrária e tornar a educação acessível a todos os colombianos. Seu discurso e, esperamos, as políticas que o implementem representam um contraste marcante com o que ouvi em Medellín há alguns anos, quando a sugestão de que uma reforma agrária pudesse ajudar a reduzir os conflitos mais provocou acusações de simpatia pelas Farc. Ou quando, ao visitar Bogotá com um general aposentado e um financista de Wall Street, empresários nos disseram para não nos preocuparmos com os (então) 30% dos colombianos que sobreviviam com menos de US\$ 2 por dia. Como disse um deles, isso “rende muito mais na Colômbia que em Nova York”.

Oitenta anos atrás, Roosevelt lutou contra esse tipo de descaso e desdém. Santos evidentemente o rejeita e entende o vínculo existente entre paz, democracia e inclusão social. Ainda é cedo para afirmar que ele seja o Roosevelt da Colômbia. Mas, ao contestar o status quo que sua própria classe social manteve e da qual se beneficiou, e ao tentar fazer a Colômbia avançar pela estrada árdua e imprevisível que a afastará da violência política, narcotráfico e terrorista, rumo à reconciliação, a coragem política ímpar de Santos impressiona bem e tranquiliza até mesmo a esta cética.

Transcrito da Folha de São Paulo

As Musas da Mitologia Grega

A quem se atribuiu a inspiração das ciências e das artes:

- 1 - Urânia (astronomia), 2 - Tália (comédia),
- 3 - Calíope (eloquência e epopéia), 4 - Polímnia (retórica);
- 5 - Euterpe (música e poesia lírica), 6 - Clio (história),
- 7 - Érato (poesia de amor), 8 - Terpsícore (dança) e 9 - Meipômene (tragédia)





A vida e suas transformações...



Em algumas culturas europeias, há um velho costume de enterrar o cordão umbilical com a semente de uma fruta. Se tudo correr bem, a sementinha incha com a água no ventre escuro da terra, abre-se e morre. A semente morta faz germinar um broto que, em cinco ou seis estações, vai se tornar uma árvore frutífera. A árvore e os seus frutos são propriedade exclusiva da criança de cujo cordão umbilical a semente se alimentou. Ao observar a árvore voltar a morrer no inverno e renascer na primavera, a criança é iniciada no mistério das estações e na metáfora dos nascimentos, mortes e transformações que são parte, com direitos iguais, da vida. Qual a criança que não fica maravilhada ao ver uma semente germinar, uma planta ou flor se formar e a vida ressurgir outra vez?

Embora a metáfora seja poética e simples de entender, é difícil aplicá-la à nossa própria vida, que é uma série de pequenas mortes, um abandono do antigo para dar espaço ao nascimento de algo novo. Cada um desses abandonos envolve uma transição – uma passagem –, do modo como as coisas eram para o modo como vão ser. Embora saibamos o que passou e possamos, muitas vezes, sonhar com o futuro, o período de passagem é uma espécie de terra de ninguém, um limbo, um espaço que nem sempre se pode definir.

Algumas dessas passagens são curtas, como a fase de transição dos trabalhos de parto. Outras são longas, como a adolescência. O nascimento, o fim da infância, a puberdade, o casamento, a velhice, a morte – eis a transições comuns, esperadas, às vezes jubilosas, outras vezes dolorosas. A doença, a loucura, a perda, a guerra, o vício – essas também são transições comuns, mas temidas, que enviam atraentes convites a fim de que nos tornemos algo novo, algo diferente do ser que éramos.

Fonte: BORYSENKO, Joan. Na Plenitude da Alma – Uma nova psicologia de otimismo espiritual. Tradução: Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Cultrix, 1993, p. 62-63.

Colaboração de Jorge Leão. MFC-MA



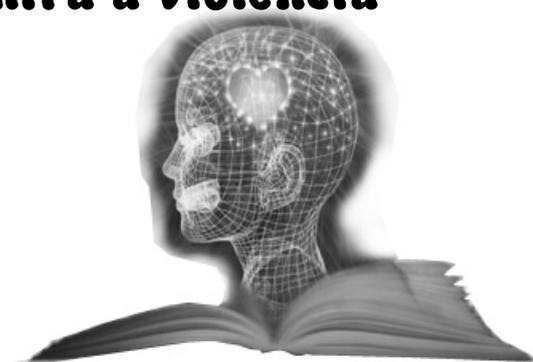
alfabetizar as emoções, um antídoto contra a violência

Deonira L. Viganó La Rosa *

O português Antônio Damásio é um dos maiores nomes da neurociência na atualidade. Radicado nos Estados Unidos desde a década de 70, conduziu pesquisas que ajudaram a desvendar a base neurológica das emoções, demonstrando que elas têm um papel central no armazenamento de informações e no processo de tomada de decisões. Além disso, por meio de suas pesquisas ele pode provar a importância das emoções e dos sentimentos na construção do nosso raciocínio.

Sabemos que nossas emoções podem ser positivas ou negativas. A emoção positiva aumenta nosso nível geral de energia e nos torna alegres, entusiasmados, dando-nos vontade de agir e de ir ao encontro dos outros.

As emoções positivas são todas as que estão vinculadas ao amor. A emoção negativa é uma energia que nos torna infelizes e amargos, nos afasta dos outros e nos conduz a destruir ao invés de construir. As emoções negativas são, por exemplo, o medo, a rai-



va, a vingança, a agressividade, a tristeza, o rancor.

AS EMOÇÕES POR SI SÓ TÊM LIMITES

Antônio Damásio diz que para vivermos em sociedade no século XXI precisamos muitas vezes ser capazes de criticar as nossas próprias emoções e dizer não a elas. E a única maneira de ultrapassar as emoções é o conhecimento: saber analisar as situações com grande pormenor, ser capaz de raciocinar sobre elas e decidir quando uma emoção não é vantajosa. Há um nível básico em que as emoções ajudam, e se você não tem esse nível você é um psicopata. Mas há um nível mais elevado em que as emoções têm de ser não as conselheiras, mas as aconselhadas.

É nos primeiros anos de vida que podemos inculcar valores e formas



de raciocínio através da repetição de exemplos. Eles são o alicerce da construção da nossa moral.

Podemos agir sobre as emoções que sentimos

... e também podemos influenciar as emoções dos outros. Para isto, precisamos Estar atentos ou estar à escuta, isto é, dar-nos conta e identificar as disposições de humor, e quais são as nossas reações e comportamentos frente a tal e tal situação concreta, e o que pode modificá-los.

Compreender, isto é, descobrir em nós e nos outros o que favorece e o que trava tal ou tal disposição de humor ou reação, tal ou tal comportamento. É também procurar identificar qual a emoção que está por trás do comportamento que observamos em nós e nos outros. Isto permite saber o que favorece as emoções positivas ou as negativas.

Ter comportamento adequado é agir de maneira a gerar ou favorecer a emoção que queremos privilegiar em nós ou nos outros. Para isto, evidentemente é necessário ter podido observar e compreender como o meio externo age sobre nós e sobre os outros. Quando agimos para influenciar nossa emoção e a dos outros, é preciso verificar, pela observação,

se nossa ação funcionou como prevíamos.

A APRENDIZAGEM DAS COMPETÊNCIAS EMOCIONAIS

É possível ajudar os jovens para que desenvolvam papéis sociais do tipo: iniciar laços com o outro, comunicar-se eficazmente, ser sensível às necessidades dos outros, entender-se com eles de maneira cordial. Para tanto, há várias técnicas, tais como representação de papéis, atividades artísticas, jogos dramáticos, tecnologias novas e úteis, contação de histórias.

Estas atividades levam as crianças e adolescentes aos domínios mestres, que são: conhecer-se e conhecer os outros, tomar decisões responsáveis, estar atentos aos outros, saber como agir. Estes dois últimos são de suma importância na medida em que ali se encontram comportamentos relacionados com a empatia e o respeito à opinião do outro, a capacidade de solicitar e fornecer ajuda, o fato de poder regular as emoções no quadro das relações de ajuda, a capacidade de negociar equitativamente afim de poder resolver conflitos. Estas habilidades referem-se à noção de competência emocional.

Todo tipo de fala, de dramatização, representação, alteração de personagens de histórias, si-





tuações imaginadas de conflito, etc, precisam ser propostas como meios para identificar emoções e aprender quais desejamos desenvolver e como. Em casa e na escola.

UMA GRANDE TÉCNICA

Relatou-nos uma professora da UFRGS que trabalha como voluntária com crianças e adolescentes em ONG de Vila, com sérias dificuldades em relação à

não-violência, que, depois de tentar métodos e técnicas diversas sem resultado, estão todos surpresos com os resultados positivos obtidos com a aplicação do sociodrama. Por que não estudar melhor esta técnica e aplicá-la?

** Deonira L. Viganó La Rosa
Terapeuta de Casal e de Família.
Mestre em Psicologia.*

0 Profeta Khalil Gibran

E uma mulher, que segurava um bebê no colo, disse: Fala-nos dos Filhos.

E ele disse:

Vossos filhos não são vossos filhos. São os filhos e as filhas do desejo da Vida por si mesma.

Eles vêm através de vós, mas não de vós.

E apesar de estarem convosco, não pertencem a vós.

Podeis dar-lhes vosso amor, mas não vossos pensamentos.

Porque eles têm seus próprios pensamentos.

Podeis abrigar seus corpos, mas não suas almas.

Pois suas almas vivem na casa do amanhã, a qual vós não podeis visitar, nem mesmo em vossos sonhos.

Podeis esforçar-vos em ser como eles, mas não tentai fazê-los como vós.

Pois a vida não volta para trás, nem permanece no dia de ontem.

Sois os arcos dos quais seus filhos, como flechas vivas, são arremessados.

O arqueiro vê o alvo no caminho do infinito, e Ele vos dobra com o Seu poder para que Suas flechas possam ir longe e velozes.

Deixai que o Arqueiro vos curve com alegria;

Pois assim como Ele ama a flecha que voa,

Ele também ama o arco que é estável.



*José Fortunati**

A recente derrubada do decreto presidencial que instituiu o Sistema Nacional de Participação Popular, pela Câmara dos Deputados, traz à tona a discussão sobre a democracia participativa. Mais do que uma demonstração de força diante do governo reeleito, a decisão dos parlamentares fere a Constituição.

A Carta assegura a participação direta dos cidadãos na política e não deixa dúvidas quanto à inexistência de concorrência de atribuições entre a participação popular e o indelegável papel dos Legislativos.

Diante desse tema, é preciso desarmar ânimos. A existência e o funcionamento de conselhos de políticas públicas, nas três esferas de governo, têm sido fundamentais para garantir melhor atendimento às necessidades do cidadão.

Esses avanços, consolidados em leis e decretos, são reconhecidos pela sociedade como estratégicos e tomaram o Brasil referência global. A experiência do Orçamento Participativo tornou Porto Alegre exemplo internacional em participação popular. A participação direta do cidadão nas decisões orçamentárias é praticada atualmente em mais de 2300 cidades pelo mundo.

Os conselhos são espaços públicos de composição plural e paritária entre o Estado e sociedade civil, de natureza deliberativa e consultiva. Foram criados a partir de iniciativas da sociedade civil frente à necessidade de qualificar os serviços públicos e colaborar de forma efetiva para sua melhora.

É o caso dos 5.553 conselhos municipais de saúde, que trouxeram inestimáveis melhorias ao Sistema Único de Saúde. Já os 4.718 conselhos municipais de educação estão previstos na Lei de Diretri-



zes e Bases da Educação, e a eles cabe colaborar na elaboração do Plano Municipal de Educação e fiscalizar a ação da política local de ensino.

Há ainda outros 14.210 conselhos nas áreas de assistência social, segurança alimentar, cultura, política urbana/conselho da cidade, meio ambiente, segurança pública, preservação do patrimônio, defesa dos direitos da mulher, dos idosos, das crianças e adolescentes, dos portadores de deficiências, entre outros.

É o Brasil exportando novas práticas de democracia direta. Uma das reivindicações mais contundentes nas manifestações do ano passado foi pela participação popular nas decisões públicas, em especial na área do transporte urbano.

Só nesse tema já estão implementados no país 358 conselhos com participação direta de usuários, trabalhadores do sistema, acadêmicos e representantes dos próprios governos. Ou seja, a decisão da Câmara Federal ignora a voz das ruas.

Para os prefeitos, a discussão sobre o alegado conflito entre as atribuições do Legislativo e a institucionalização da participação cidadã já foi superada há anos e os resultados são satisfatórios na definição e correção dos rumos das políticas públicas e no aprimoramento dos mecanismos de transparência e prevenção à corrupção.

A Frente Nacional de Prefeitos expressa preocupação diante da anulação desse decreto, o que é um lamentável retrocesso democrático.

Os prefeitos incentivam o avanço da participação popular nos governos estaduais e na União. A democracia plena está apoiada na atuação direta dos cidadãos na tomada de decisões que influenciam a qualidade de vida nas cidades. É o futuro da democracia que está em jogo.

**José Fortunati, 59, prefeito de Porto Alegre pelo PDT, é presidente da Frente Nacional de Prefeitos*

Transcrito da Folha de São Paulo

O verdadeiro cristianismo rejeita a ideia de que uns nascem pobres e outros ricos, e que os pobres devem atribuir a sua pobreza à vontade de Deus.

D. Helder Câmara



“*Não é triste mudar de ideias.
Triste é não ter ideias para mudar*” Barão de Itararé

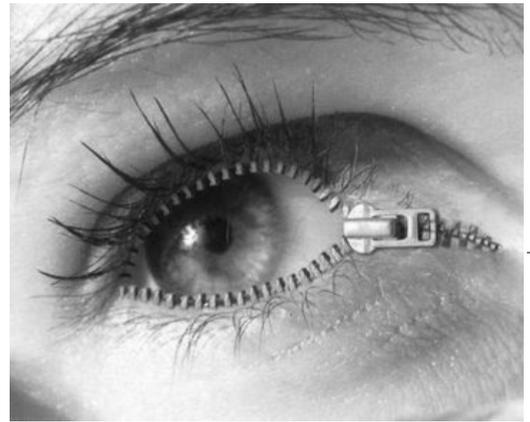
Cada vez é mais comum deparar-se com alguém intolerante com as ideias que não sejam as suas. Intolerante com as ideias e pensamentos alheios, muitos desejam “eliminar” os seus contrários ou contraditórios. Em nome da verdade, pregam e vociferam contra tudo e contra todos que, supostamente, possam contrariar suas certezas.

Cegueiras, de ideias

Nei Alberto Pies

Todos deveriam ter a sua ideologia. Todos deveriam seguir determinadas ideias para não ser pensados pelos outros. Todos deveriam manifestar suas opiniões, mas sem a pretensão de anular os pensamentos dos outros. Todos deveriam praticar o exercício da escuta respeitosa. Todos deveriam considerar que talvez não mudarão as suas ideias, mas que o tempo e a persistência das afirmações poderão encarregar-se de mudanças bem significativas nos modos de ser, pensar e agir de todos. É preciso sempre acreditar que as lições de vida sempre se encarregarão de modificar as pessoas.

Na política e na religião as ideias rígidas e fixas tornam-se extremamente perigosas. As ideologias cristalizam verdades absolutas, com as quais é impossível dialo-



gar. Quando não há mais diálogo, abrimos espaço imediato para ações desprovidas de razão. Aí então a emoção e a paixão cegam as pessoas, levando-as a agir sem a medida da razão. Perigoso mesmo é quando as mesmas ideias produzem catarses coletivas, a “lavagem cerebral”.

Cada um desenvolve um método para lidar com os intolerantes e insensatos. Tudo o que estes esperam é que a gente reproduza





a sua intransigência. Por isso mesmo, é preciso exercer muita paciência, associado ao tempo e ao bom senso. Antes tarde que mais tarde, muitos reconhecerão não a nossa razão, mas a consistência daquilo que a gente pensa e daquilo que a gente faz. O que nos derruba diante dos outros é sempre a incoerência.

A abundância das informações no mundo do conhecimento imprime a ideia de verdade como uma busca, não como uma afirmação definitiva. A questão que se coloca agora é como lidar com esta perspectiva da verdade, num

momento que a humanidade, contra a sua evolução, afirma-se em novos fundamentalismos. Como afirma o poeta alemão Henry Charles Bukowski Jr, *"o problema do mundo de hoje é que as pessoas inteligentes estão cheias de dúvidas e as pessoas idiotas estão cheias de certezas"*

Cegueiras fazem mal às pessoas e não permitem que suas ideias sejam modificadas, mas servem de pretexto para impor suas verdades absolutas. Eu prefiro evitá-las!

Nei Alberto Pies é Professor e ativista de direitos humanos

Saiba o que não **FALAR**

- Não seja violento nas palavras, no modo de falar e no tom da voz.
- Mantenha a calma e não entre na raiva.
- Fale com discernimento e gentileza.
- Evite fofocas, mentiras ou comentários maldosos.
- Nunca engane os outros.
- Não seja crítico.
- Evite ferir os sentimentos alheios.
- Não divulgue o segredo de alguém.
- Diga apenas o que beneficia os outros.
- Não culpe, não julgue e nem fale sobre os defeitos das pessoas.
- Fale sempre de assuntos bons, não perdendo tempo com conversas fúteis.





De presidente da paz a senhor da guerra

*Rupert Cornwell**

Ele deveria ser o presidente da paz, que poria fim às complicações americanas no Oriente Médio e forjaria um novo e melhor relacionamento com o mundo árabe. Agora, a política dos EUA deu uma volta completa.

Ao atacar o Estado Islâmico na Síria, Barack Obama emaranhou-se num novo conflito, cuja base legal é apenas um pouco menos frágil do que as usadas por George W. Bush para justificar a invasão do Iraque em 2003. Obama tachou aquele conflito de “guerra idiota” – e sua oposição ajudou-o a ser eleito em 2008.

Como os tempos mudaram. As guerras em Iraque e Afeganistão, que ele colocou como objetivo seu acabar, duraram, respectivamente, oito e 13 anos. Mas agora outro conflito está em andamento – um que,

pela própria admissão do presidente, não tem prazo para terminar. E que era a última coisa que ele queria até que o horror público diante das decapitações de dois reféns americanos não lhe deixou opção.

Mas esta guerra é bem mais complicada do que as anteriores. As alianças na região são complexas, incertas e mudam a toda hora. Será que o novo e mais inclusivo governo do Iraque vai fazer jus às expectativas? E a Turquia, parceira na Otan cuja atitude diante do EI é profundamente ambígua? E o fato de que os ataques ao grupo islamista militante poderiam reforçar Bashar al-Assad, com cuja remoção Washington ainda está formalmente comprometida mas que é tão fortemente oposto ao EI como? Este paradoxo, por sua vez, traz outros problemas. Rússia e Irã, os dois principais aliados de Assad, já levantam objeções. Mas o fato é que os EUA e o Irã xiita, seu





arquiinimigo na região, têm um interesse comum em destruir o extremista e sunita El.

Não é de se espantar que Obama tivesse desconfianças sobre autorizar os ataques. “Nenhuma ação americana pode eliminar o fato de que a campanha contra o El envolve riscos importantes” diz Anthony Cordesman, ex-assessor do Pentágono.

E por trás das dificuldades está a cada vez mais baixa popularidade doméstica de Obama, causada em grande parte por suas re-

alizações incertas em política externa, especialmente no Oriente Médio. Os americanos esperam que seu presidente molde os acontecimentos no mundo, e não somente reaja a eles – ao mesmo tempo em que evite uma repetição do Afeganistão e do Iraque.

*Do “Independent”
Transcrito de O Globo*

Uma interrogação: Como você vê o desinteresse da maioria dos brasileiros e a omissão das nossas autoridades em assuntos internacionais?

Se Tens...

MESSAGEM DE NATAL

Se tens amigos, busca-os!
O Natal é encontro.
Se tens inimigos, reconcilia-te!
O Natal é paz.
Se tens pobres ao teu lado, ajuda-os!
O Natal é dom.
Se tens soberba, sepulta-a!
O Natal é humildade.
Se tens dívidas, paga-as!
O Natal é justiça.
Se tens pecado, converte-te!
O Natal é graça.
Se tens trevas, acende o teu farol!
O Natal é luz.
Se tens tristeza, reativa a tua alegria!
O Natal é gozo.
Se estás no erro, reflete!
O Natal é verdade.
Se tens ódio, esquece-o!
O Natal é amor.





Dez dicas de felicidade

Em entrevista à revista “Viva”, do jornal argentino “Clarín”, o papa Francisco deu dicas, em vídeo, de como ter uma vida feliz. Para Francisco, seriam esses os dez mandamentos que condensam a fórmula da felicidade:

- 1 “Viva e deixe viver”
- 2 “Dar-se aos outros”
- 3 “Mover-se remansadamente”
- 4 “Brincar com as crianças”
- 5 “Compartilhar os domingos com a família”
- 6 “Ajudar os jovens a conseguir emprego”
- 7 “Cuidar da natureza”
- 8 “Esquecer-se rápido do negativo”
- 9 “Respeitar o que pensa o outro”
- 10 “Buscar ativamente a paz”



Entre os conselhos que deu em entrevista a uma revista argentina, o pontífice incluiu não fazer as refeições assistindo a TV e não tentar converter as pessoas.

Em entrevista à revista “Viva”, publicada aos domingos pelo jornal argentino “Clarín”, o Papa Francisco deu dez conselhos para a felicidade, incluindo desligar a TV para fazer as refeições em família e não tentar converter as pessoas, seja na religião ou no modo de pensar. “As religiões crescem por atração, não por proselitismo”, ele disse, acrescentando que a melhor maneira de atingir as pessoas é com diálogo.

Veja outros ingredientes da receita do Papa:

1. “Viva e deixe viver”. Cada um deveria ser guiado por este princípio, ele disse, citando uma expressão similar em Roma: “Ande para frente e deixe que os outros façam o mesmo”.

2. “Doe-se aos outros”. As pessoas precisam ser abertas e generosas com as demais, porque isso “as afastará de si mesmas, deixando de lado o risco de egocentrismo”. “E água estagnada fica podre”.

3. “Vá com calma na vida”. O Papa, que costumava ensinar lite-



ratura, usou uma imagem de um romance rural argentino de Ricardo Güiraldes, no qual o protagonista Dom Segundo Sombra lembra o passado e avalia como viveu a vida: com ética, lealdade e respeito ao próximo.

4. “Um saudável senso de lazer”. O Papa disse que “o consumismo nos trouxe a ansiedade”, e disse que os pais devem reservar um tempo para brincar com seus filhos e desligar a TV quando sentarem para comer.

5. Domingos deveriam ser feriado. As pessoas não deveriam trabalhar aos domingos porque “domingo é para a família”, ele disse.

6. Encontrar maneiras inovadoras para criar postos de trabalho para os jovens. “Precisamos ser criativos com os jovens. Se eles não tiverem oportunidades entrarão no mundo das drogas” e serão mais vulneráveis ao suicídio”.

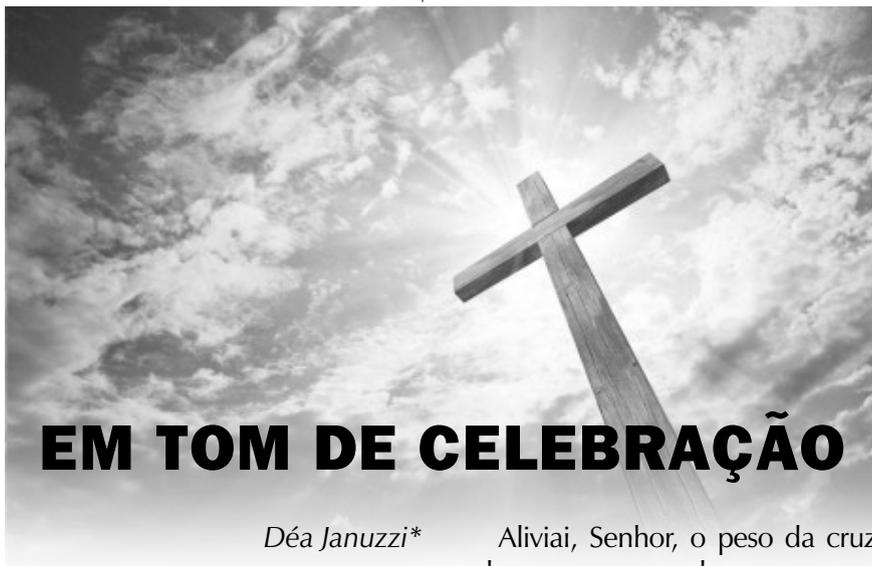
7. Respeito e cuidado com a natureza. A degradação ambiental “é um dos maiores desafios que temos”, disse o Papa. “Acredito que não estamos nos perguntando ‘a Humanidade não está cometendo suicídio com esse uso tirânico e indiscriminado da natureza?’”.

8. Deixe de ser negativo. “Falar mal dos outros indica baixa autoestima. Isso quer dizer ‘eu me sinto tão mal que em vez de me levantar vou colocar os outros para baixo’. Abandonar a negatividade rapidamente é saudável”.

9. Respeite a crença dos outros. “Podemos inspirar as pessoas por testemunho, mas a pior coisa é o proselitismo religioso, que paralisa. A igreja cresce por atração, não por proselitismo”.

10. Trabalhe pela paz. “Estamos vivendo em uma época de muitas guerras, e devemos gritar pela paz. A paz às vezes dá a impressão de ser calma, mas nunca é quieta, a paz é sempre proativa e dinâmica”, disse o Papa.





EM TOM DE CELEBRAÇÃO

*Déa Januzzi**

Livrai-nos, Senhor, da morte dilatória dos nossos sonhos; enterrai, de vez, a falta de entusiasmo, o martírio de viver cada dia como se fosse um calvário.

Livrai-nos, Senhor, de todos os males e das pedras no caminho que nos fazem tropeçar na mediocridade e na mesmice das coisas. Enterrai para sempre, Senhor, a falta de compaixão. Livrai-nos, Senhor, das chagas da intolerância, da injustiça e da prepotência que se abrem diante dos nossos olhos, sem que encontremos o bálsamo para cicatrizá-las.

Livrai-nos, Senhor, dos entulhos do coração para deixá-lo mais leve e livre para amar indistintamente. Tirai as cinzas não só das quartas-feiras, mas de todos os dias de chumbo e de trevas que, porventura, surgirem em nosso caminho.

Aliviai, Senhor, o peso da cruz sobre os nossos ombros, para que em cada estação surja um Cirineu para nos ajudar a seguir em frente. Que as Marias Madalenas continuem a enxugar o suor do nosso rosto e expiar a culpa da humanidade. Dai a Madalena, Senhor, um lugar de destaque e de redenção. Curai as feridas de todas as Madalenas. Expurgai, Senhor, o preconceito, o ódio, o cansaço e a solidão.

A partir de hoje, Senhor, estendei os tapetes de glória, com as cores da ressurreição, desde a leveza dos tons claros até a densidade das púrpuras e vermelhos. Estendei, Senhor, a serragem colorida pelas avenidas da nossa alma. Deixai-nos com essa sensação de ressurgir do nada, de reerguer sobre os escombros da insegurança.

Dai-nos, Senhor, o milagre do pão e do vinho, para que o prazer esteja sempre à nossa mesa, com





a mesma fartura e o sentido de um ritual. Ressuscitai, Senhor, a esperança nossa de cada dia, a alegria de acordar e de dormir sem sobressaltos. Que os pesadelos não nos despertem do sono, que a consciência amanheça conosco e siga em frente sem as sombras da pesada noite.

Dai-nos, Senhor, a possibilidade de recomeçar, de dar a volta por cima, de ressurgir, de renascer em meio ao caos. Livrai-nos do sepulcro, arrancai os espinhos da dor. Bendizei, Senhor, as flores que acabam de nascer nos lugares mais secretos do nosso ser.

Regai, Senhor, o jardim das oportunidades para os jovens que vivem hoje como zumbis, sem projetos de vida.

Acendei, Senhor, a tocha nos corações perdidos na escuridão, enferrujados de medo, aprisionados de dúvidas. Curai as nossas feridas antigas e as que ainda vão se abrir dentro do nosso peito.

Perfumai, Senhor, as nossas casas com o cheiro da comida das avós. Acendei um fogão de lenha em nossas lembranças mais profundas, onde só cabem os almoços de domingo, a família reunida e o afeto servido em forma de chocolate, para lambuzar bocas e mãos, para seduzir as crianças e embriagar os mais velhos.

Fazei o milagre da multiplicação, Senhor, para as mães que não têm o que dar aos filhos neste dia. E aos pais humilhados e ofendidos, dizei, Senhor, que há um dia depois do outro e que o amanhã chega mais depressa do que se imagina. Iluminai, Senhor, o caminho dos desamparados, dos deprimidos, dos que estão sofrendo de amor, dos desiludidos, dos que não creem em mais nada. Acendei, Senhor, a luz de melhores dias. Amém!

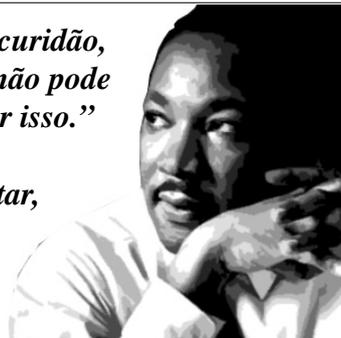
**Déa Januzzi é cronista autora do livro Coração de Mãe.*

Transcrito do Estado de Minas.

“A escuridão não pode expulsar a escuridão, apenas a luz pode fazer isso. O ódio não pode expulsar o ódio, só o amor pode fazer isso.”

“Quem aceita o mal sem protestar, coopera com ele.”

Martin Luther King Jr.





*Marcelo Gleiser**

Sempre achei que final de ano é época de reflexão, e não só de presente e festa. Portanto vamos lá. Olhe para as suas mãos.

Nela, você encontra átomos que pertenceram a estrelas desaparecidas há mais de 5 bilhões de anos. Essas estrelas, no final de sua existência, forjaram os elementos químicos que compõem o seu corpo, as montanhas, os rios e os oceanos.

Quando explodiram, elas espalharam suas entranhas pelo espaço sideral, os ingredientes da vida, em ondas de choque que se propagavam a milhares de quilômetros por segundo. Em um canto da galáxia, essas ondas se chocaram com uma enorme nuvem de hidrogênio, provocando instabilidades que levaram ao seu colapso. E dele nasceu o Sistema Solar, com sua corte de planetas e luas e, em um deles seres capazes de questionar suas origens.

Somos, concretamente, restos de estrelas animados de consciência. O incrível disso é que tudo começou com praticamente apenas hidrogênio e gravidade.

Ao comprimir essas nuvens de hidrogênio em estrelas, a gravidade se tomou o grande alquimista cósmico, criando os elementos químicos a partir do mais simples. Na visão moderna do Universo, somos o que acontece quando damos alguns bilhões de anos de tempo ao hidrogênio e à gravidade.

Temos muitas lacunas a preencher nessa grande narrativa cósmica, e é isso que faz os cientistas acordarem todos os dias com pressa de chegar ao trabalho. Dentre as várias questões, uma das mais controversas é sobre nossa inevitabilidade. Será que somos consequência inevitável das leis da natureza? Ou um mero acidente, e o Universo poderia igualmente existir sem nós?





A posição mais conservadora diria que tudo o que podemos fazer é medir. Não existe qualquer plano ou objetivo, apenas o que ocorre. A história que reconstruímos a partir dessas medidas começa com (pelo menos) quarks, elétrons e radiação e, bilhões de anos depois, inclui vida e seres humanos. Não há dúvidas de que a matéria ficou mais complexa com o passar das eras. Por quê?

Antes de tentar dizer algo, vale a pena contemplar o que já conseguimos até aqui. A ciência comprova nossa profunda relação com o Cosmos. Não apenas porque vivemos nele, mas porque somos feitos dele: nós e todos os agregados de matéria, vivos e não-vivos. Estamos no Cosmos e o Cosmos esta em nós.

Quem duvida que a ciência é uma busca espiritual deveria refletir sobre o que escrevi acima. A pesquisa do cientista, os dados e sua análise quantitativa, são atividades que dão concretude à busca. Alguns ficam só nisso e estão bem assim. Mas uma visão menos focada revela o óbvio: a ciência responde a anseios espirituais que estão conosco desde tempos ancestrais.

Retomando à nossa questão, alguns acreditam que deve existir um princípio que justifique a tendência à complexidade. Mas não temos evidência disso. O Cosmos poderia ter se desenvolvido sem nós. Mas o fato é que estamos aqui! Se abrirmos mão desse princípio, temos que aceitar que somos um acidente.

Talvez seja essa a origem da nossa importância. Se podemos refletir sobre a vida, temos algo de especial. Isso deveria nos levar a uma reavaliação do nosso papel: guardiões da vida e do planeta. Talvez seja essa a nossa missão inevitável

Marcelo Gleiser é professor de física teórica e autor do livro "Criação Imperfeita"

Transcrito da Folha de São Paulo

PARA REFLEXÃO:

- 1) Que relação pode ser estabelecida entre ciência, materialidade e espiritualidade?
- 2) Avaliar se o ser humano tem exercitado bem, esta missão inevitável, de guardião da vida e do planeta.



“Quando dou comida aos pobres, me chamam de santo. Quando pergunto por que eles são pobres, chamam-me de comunista”

Dom Hélder Câmara





Inveja, um pecado Capital

Anna Verônica Mautner*

Quero ilustrar um paradoxo: quanto mais disponíveis são os objetos de desejo, maior o espaço para a inveja. Em uma sociedade de castas como a da Índia, por exemplo, um “intocável” nem inveja o “senhor”: admira-o, odeia-o, mas, como não está aberta a possibilidade de conseguir realizar sua inveja, fica por aí.

Hoje a inveja funciona quase como um motor da ação. “Por que não tenho? Não tenho porque não quero o suficiente, com a força necessária.” Sentir inveja suscita imediatamente questões relativas à justiça. Quem inveja é porque quer o que não tem. Por que uns têm e outros, não? O mundo é assim.

Houve tempo em que praticamente se nascia com os seus direitos atribuídos. Só da nobreza é que sairia um senhor feudal, por exemplo. Evoluímos muito do sistema de castas para o sistema de nobreza e de classes. Agora estamos na era da educação e da informação. Nesse mundo, a curiosidade e a perseverança podem derrubar barreiras. Para tanto, é preciso querer, isto é, invejar. Sem um “bom” querer, não se chega aos objetos desejados.

Mas a inveja pode levar ao inferno. Não conseguir o que se quer derruba a autoestima. Para suportar essa dor, lança-se mão de desculpas, algumas de verdade, outras, esfarrapadas. Por mais que

uma gorda, de perna curta, pratique balé clássico, não chegará a ser uma bela sílfide. Qualquer defeito em um dos nossos cinco sentidos gera limitações e, portanto, frustrações. O autoconhecimento e o exercício de contenção funcionam para não tornar o indivíduo paralisado, escravo de invejas irrealizáveis.

E por que será que falamos tão pouco de inveja quando ela ocupa tanto espaço na nossa vida? Uma resposta plausível é que a gente prefere não pensar na nossa relação com os pecados que cometemos tão frequentemente. Não falamos de inveja, ira, gula, preguiça, soberba, avareza, luxúria. Falamos de amor.





Dinamizando a relação dos sete pecados capitais com as três virtudes – fé, esperança e caridade – nos aproximamos muito de uma descrição do nosso mundo emocional. Tudo está na Bíblia que homens de antigamente compilaram e eternizaram por escrito, a partir da observação de si e de seus semelhantes.

Ordenar as relações interpessoais tem na escrita o seu chão firme. A possibilidade de transmitir valores com pouca dissonância entre gerações é a base da cultura de grandes populações. A linguagem escrita é berço de uma cultura mais ou menos unificada. É a saída do sonho onde as relações são pessoais para o mundo das nações, no qual mesmo os que nunca se viram nem se escutaram desfrutaram das mesmas alegrias e recalques.

E onde entra a inveja? É onde a igualdade prometida pela comunicação não se realiza. A globalização nos permite desejar o que nem ao menos conhecemos. Será que podemos dizer que



a inveja passou a ser um motor potente em direção à igualdade? Freud chegou ao limite ao descrever a “inveja do pênis”. Eis-nos diante do impossível. O seio é da mulher e o pênis é do homem.

A tecnologia parece atender a vontade infinita que temos de ser invejados. Estou em uma festa, em um restaurante e espalho isso para meu mundo virtual. Basta ser meu amigo no Facebook para eu alcançá-lo. Posto no Instagram o que eu imagino que possa ser invejado ou pelo menos admirado. Da caverna ao Instagram e ao Facebook passamos pela ágora, pela praça e chegamos ao smartphone.

Anna Verônica Mautner é psicanalista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo e autora de “Cotidiano nas Entrelinhas” (Ágora)

Transcrito da Folha de São Paulo

“A verdadeira medida de um homem não é como ele se comporta em momentos de conforto e conveniência, mas como ele se mantém em tempos de controvérsia e desafio.”

Martin Luther King Jr.





NA PRESSA E NA PRESSÃO

Rosely Sayão*

Recebo muitas, muitas perguntas e dúvidas de pais que têm filhos com seis anos, mais ou menos. Várias mensagens chegam em tom quase desesperado. O motivo? O processo de alfabetização dos filhos.

Vamos tentar acalmar esses pais com alguns esclarecimentos importantes para que, um pouco mais tranquilos, eles não pressionem tanto seus filhos.

De partida, é bom avisar: a criança tem tempo de sobra para se desenvolver nesse processo. Qual o prazo? No ensino fundamental, com duração de nove anos, esperamos que a maioria dos alunos esteja alfabetizada ao final do segundo ano.

Por isso, caro leitor, caso o seu filho esteja no primeiro ano, pode relaxar. Ele ainda tem pelo menos um ano e meio para se aprimorar no processo da leitura, primeiramente, e escrita.

Acontece que muitos pais foram convencidos pela sociedade de que é melhor a criança aprender o mais



cedo possível a ler, escrever e trabalhar com números. Não é.

Já temos inúmeros estudos e pesquisas apontando que crianças precocemente introduzidas no ensino formal não se mostram, no futuro, mais avançadas nos estudos. Além disso, até demonstram menor curiosidade pelos estudos e menos criatividade nos trabalhos escolares do que suas colegas que se dedicaram a brincar nos anos da primeira infância.

Tem mais: as crianças massacradas por escolas e famílias para a vida escolar no estilo acadêmico antes dos sete anos desenvolvem mais doenças resultantes da ansiedade e da pressão, tais como estresse, desatenção, distúrbios alimentares e do sono, entre outras.

Veja, caro leitor, o resultado dessa ideia que a sociedade desenvolveu nos pais. Uma leitora,





que coloco no grupo dos pais desesperados, conta que mudou de cidade e sua filha, matriculada no primeiro ano, já sabia ler e escrever muitas coisas. Mas agora, na transferência de escola, parece que regrediu e se esqueceu de muita coisa que havia aprendido.

O que nossa leitora não percebe é que, se a garotinha esqueceu, é porque não havia aprendido. Talvez tivesse sido treinada, condicionada ou coisa que o valha a escrever e ler algumas palavras. Quem se alfabetiza com sentido, ou seja, quem entende primeiramente a junção social da leitura e da escrita, não se esquece com essa facilidade.

Outra mãe que tem a filha também no primeiro ano me escreveu reclamando da escola, por ter enviado muitas lições para serem feitas nas férias. Mas, de quebra, contou que a filha leva duas horas diariamente fazendo lições de casa e, três vezes por semana, ainda faz acompanhamento psicopedagógico por indicação da escola, por apresentar “dificuldades na alfabetização”.

Fico penalizada com a vida que essa menina (como muitas outras) está levando. Quando será que ela brinca? Brincar é uma coisa que, até os seis anos, a criança deveria fazer o tempo todo.

O ensino formal de leitura e escrita e o trabalho com números podem ser iniciados aos sete anos sem prejuízo algum para a vida escolar futura dessas crianças. Por que tanta pressa? Saber ler, escrever e contar antes dos seis, sete anos não significa absolutamente nada.

O que significa muito no futuro desenvolvimento do chamado processo de letramento é a criança aprender, desde bebê, o prazer da leitura. Contar histórias para ela, dar livros bonitos para ela brincar e “ler”, conversar bastante com ela para que amplie seu vocabulário, ouvir com atenção as histórias que ela gosta de contar e brincar com os sons das palavras são alguns exemplos de como os pais podem ajudar no desenvolvimento de seus filhos.

Mas sem pressão, por favor! As crianças agradecem.

*Rosely Sayão é psicóloga e autora de
“Como Educar Meu Filho?”
(Publífolha)*

Transcrito da Folha de São Paulo

PROPOSTA DE REFLEXÃO:

Fazer uma avaliação madura sobre o relacionamento pais e filhos centrado no propósito da formação integral.





O Papa Francisco e a economia da exclusão

*Leonardo Boff **

Quem escuta as várias intervenções do bispo de Roma e atual Papa, sente em casa e na América Latina. Ele não é euro-cêntrico, nem romanocêntrico e muito menos vaticanocêntrico. Ele é ele mesmo, um pastor que “veio do fim do mundo”, da periferia da velha cristandade europeia, decadente e agônica (só 24% dos católicos são europeus); provem do cristianismo novo que se elaborou ao longo de 500 anos na América Latina com um rosto próprio e sua teologia.

O Papa Francisco não conheceu o capitalismo central e triunfante da Europa, mas o capitalismo periférico, subalterno, agregado e sócio menor do grande capitalismo mundial. O grande perigo nunca foi o marxismo mas a selvageria do capitalismo não civilizado. Esse tipo de capitalismo gerou

no nosso continente latino-americano uma escandalosa acumulação de uns poucos à custa da pobreza e da exclusão das grandes maiorias do povo.

Seu discurso é direto, explícito, sem metáforas encobridoras, como costuma ser o discurso oficial e equilibrista do Vaticano que coloca o acento mais na segurança e na equidistância do que na verdade e na clareza da própria posição.

A posição do Papa Francisco é claríssima: a partir dos pobres e excluídos: “não devem subsistir dúvidas nem explicações que debilitem” esta opção já “que existe um vínculo indissolúvel entre a nossa fé e os pobres” (Exortação n.48). De forma contundente denuncia: “O sistema social e econômico é injusto em sua raiz (n.59); “devemos dizer não a uma economia da exclusão e da desi-





gualdade social; esta economia mata... o ser humano é considerado, em si mesmo, como um bem de consumo que se pode usar e depois lançar fora; os excluídos não são os 'explorados' mas resíduos e 'sobras" (n. 53).

Não se pode negar: esse tipo de formulação do Papa Francisco lembra o magistério dos bispos latino-americanos de Medellín (1968), Puebla (1979) e Aparecida (2005) bem como o pensamento comum da teologia da libertação. Esta tem como seu eixo central a opção pelos pobres, contra a sua pobreza e em favor da vida e da justiça social.

Há uma afinidade perceptível com o economista Karl Polanyi que, por primeiro, denunciou a "Grande Transformação" (título do livro de 1944) ao fazer da economia de mercado uma sociedade de mercado. Nesta tudo vira mercadoria, as coisas mais sagradas e as mais vitais. Tudo é objeto de lucro. Tal sociedade se rege estritamente pela competição, pela regência do individualismo e pela ausência de qualquer limite. Por isso nada respeita e cria um caldo de violência, intrínseca à forma como ela se constrói e funciona duramente criticada pelo Papa Francisco (n. 53). Ela gestou um efeito atroz. Nas palavras do Papa: "desenvolveu uma globalização da

indiferença; tornamo-nos incapazes de nos compadecer ao ouvir os clamores alheios; já não choramos à vista do drama dos outros, nem nos interessamos em cuidar deles" (n.54). Numa palavra, vivemos tempos de grande desumanidade, impiedade e crueldade. Podemos nos considerar ainda civilizados se por civilização entendermos a humanização do ser humano? Na verdade, regredimos às primitivas formas de barbárie.

Conclusão final que o Pontífice deriva desta inversão: "não podemos mais confiar nas forças cegas e na mão invisível do mercado" (n.204). Destarte ataca o coração ideológico e falso do sistema imperante.

Onde vai buscar alternativas? Não vai beber da esperada Doutrina Social da Igreja. Respeita-a mas observa: "não podemos evitar de ser concretos para que os grandes princípios sociais não fiquem meras generalidades que não interpelam ninguém" (n. 182). Vai buscar a prática humanitária do Jesus histórico. Não entende sua mensagem como regra, engessada no passado, mas como inspiração que se abre para a história sempre cambiante. Jesus é alguém que nos ensina a viver e a conviver a "reconhecer o outro, curar as feridas, construir pontes, estreitar laços e ajudar-nos a car-





regar as cargas uns dos outros” (n.67). Personalizando seu propósito diz: “a mim interessa procurar que, quantos vivem escravizados por uma mentalidade individualista, indiferente e egoísta, possam libertar-se dessas cadeias indignas e alcancem um estilo de vida e de pensamento mais humano, mais nobre, mais fecundo que dignifique a sua passagem por esta terra” (n,208). Esta intenção se assemelha àquela da Carta da Terra que aponta valores e princípios para uma nova Humanidade que habita com amor e cuidado o planeta Terra.

O sonho do Papa Francisco atualiza o sonho do Jesus histórico, o do Reino de justiça, de amor

e de paz. Não estava na intenção de Jesus criar uma nova religião, mas pessoas que amam, se solidarizam, mostram misericórdia, sentem a todos como irmãos e irmãs porque todos filhos e filhas no Filho.

Esse tipo de cristianismo não tem nada de proselitismo mas conquista pela atração de sua beleza e profunda humanidade. São tais valores que irão salvar a humanidade.

** Leonardo Boff é Teólogo e escritor. Escreveu: O Cristianismo: o mínimo do mínimo, Vozes 2011, entre outros livros*

Transcrito do Boletim Rede

O ESCORPIÃO

Um pescador já idoso e curtido pela vida viu quando um escorpião estava se afogando e decidiu tirá-lo da água, mas quando o fez o escorpião o picou.

Pela reação de dor, o velho o soltou e o animal caiu de novo na água. Estava se afogando de novo. O homem tentou tirá-lo novamente e novamente o animal o picou.

Alguém que estava observando se aproximou do velho pescador e lhe disse:

“Desculpe-me, mas você é teimoso! Não entende que todas às vezes que tentar tirá-lo da água ele irá pica-lo?”

Ele respondeu:

“A natureza do escorpião é picar, e isto não vai mudar a minha, que é ajudar”.

Então, com a ajuda de uma folha o pescador tirou o escorpião da água e salvou sua vida.





O poder do jeitinho

Carlos Alberto
Sardenberg*

O empregado é enviado por um período ou é transferido de vez para trabalhar em outra cidade. É razoável que receba um auxílio-moradia.

Mudar é caro, e, por um certo tempo, a família *fica morando* em duas casas, com despesas dobradas. A empresa paga então um benefício extraordinário, até que o funcionário arrume sua nova residência. O benefício varia conforme os custos da cidade. Certo?

Errado, decidiu o ministro Luiz Fux, do Supremo Tribunal Federal. Para ele, todo juiz tem o direito fundamentado de receber todo mês e durante toda a carreira um auxílio-moradia mensal, no valor de R\$ 4.377,73, esteja ou não de mudança, pague ou não um aluguel gaste ou não com despesas de moradia propriamente ditas.

Então não é auxílio, dirá o leitor, trata-se de uma parte do salário. Inclusive porque o valor é o mesmo, quer o juiz more na caríssima Rio de Janeiro ou na mais barata cidade de Itapipoca, no interior do Ceará.



Lógico?

Errado de novo. Acontece que, se for considerado e concedido *como* salário, aquele auxílio entra como salário. Parece esquisito?

E é mesmo, mas só para quem desconhece o clássico jeitinho salarial, praticado amplamente no setor público e agora de novo consagrado na Suprema Corte. Se integrados tecnicamente, digamos, ao salário, aqueles quatro mil e quebrados farão com que o vencimento dos juízes estoure o teto a que estão submetidos os funcionários públicos. Além disso, reajuste salarial tem de ser aprovado pelo Congresso, já um auxílio, uma ajudazinha...

Não é difícil arrumar o complemento. A imaginação criadora do setor já criou pérolas, como o auxílio-paletó para comprar um terquinho, pessoal, já que o funcioná-





rio tem que se apresentar corretamente — ou o pé na cova, um adicional pago quando o servidor chegava perto da aposentadoria.

Funciona sempre do mesmo jeito: um jeitinho para promover um aumento salarial não concedido pelo Congresso e que escape do teto. Claro que exige uma reinterpretção dessa outra palavra.

Qualquer um entende o que é teto salarial. Se o teto do funcionalismo é o salário *do presidente da República*, qualquer um entende o que isso quer dizer: nenhum servidor pode ganhar mais que o presidente.

Certo?

Não é tão simples assim, diz a Suprema Corte. O que é salário? O que é benefício pessoal? Auxílio entra no teto?

Reparem que tem lógica. Se o empregado recebe um auxílio para morar em outra sede, isso obviamente não é salário, mas um ganho eventual, para uma despesa determinada. Se o governo paga o táxi para o juiz ir até uma audiência, isso não é salário, é verba indenizatória, não é mesmo?

Vai daí que se arranja um auxílio qualquer coisa e está dado o aumento, O passo seguinte é dispensar a comprovação da des-

pesa – terno, funeral ou moradia – para a qual o tal auxílio foi concedido.

Por isso, de tempos em tempos, o Congresso, sob pressão, aprova uma lei dizendo mais ou menos o seguinte: OK, pessoal, os quebra-galhos arranjados até agora estão consagrados, está tudo incorporado aos vencimentos, mas é a última vez, hein!?, daqui em diante, teto é teto.

Reparem: não se discute aqui quanto deve ganhar um juiz, se o aumento é justo ou não. Trata-se da forma - e a *forma é essencial no Direito*. O quebra-galho gera uma distorção infinita. E uma despesa infinita.

Querem ver? Diz a decisão que o auxílio-moradia dos juízes vale a partir de agora. Mas, se é um direito fundamentado, como diz o ministro Fux, então por que só valeria a partir de agora? Direito tem data? Podem apostar: se já não entraram, alguém vai entrar na Justiça pedindo os retroativos. E vai ganhar.

Por outro lado, se o juiz tem direito a auxílio-moradia sem precisar justificar o gasto determinado e sem contar para o teto, por que não o tem o médico do SUS, esteja em qualquer cidade? E o policial federal? E os professores?



Os juízes arranjam esse auxílio-moradia porque não conseguiram equiparação com os vencimentos dos procuradores da República. Foi um arranjo, ou uma distorção, como comentou o também ministro do Supremo Gilmar Mendes. O certo, diz ele, seria a simetria salarial da Magistratura com o Ministério Público.

Vão acabar conseguindo, quando os procuradores buscarem, então, um aumento para repor as condições anteriores.

E assim segue. Com uma diferença: só algumas categorias de

funcionários conseguem montar seus quebra-galhos. O poder do jeitinho salarial é um privilégio de poucos.

* Carlos Alberto Sardenberg é jornalista

Transcrito de "O Globo"

N.R.: Propomos que se reflita a respeito da legitimidade dos "penduricalhos", comparativamente com a legitimidade dos salários que sustentam a dignidade pessoal e familiar dos trabalhadores dos setores público e privado.

Mahatma Gandhi



“Conheço muitas razões pelas quais eu morreria, mas não conheço nenhuma pela qual eu mataria.”

“Estou convencido das minhas próprias limitações - e esta convicção é minha força.”

A força não provém da capacidade física. Provém de uma vontade indomável.

Olho por olho, e o mundo acabará cego.

A minha fé, nas densas trevas, resplandece mais viva.

Obrigado Senhor

Você já parou para agradecer ao Senhor por tantas maravilhas, que ele tem realizado em sua vida? lembremos que as “coisas boas passam rápidas e as ruins também,” não fiquemos presos ao passado, o que fizeram de mal a você ficou para trás. Pense agora no presente. Quantas oportunidades você nesse momento, pode alcançar com ajuda de Deus, e das pessoas que estão em sua volta! Coloque o seu futuro na misericórdia de Deus, pois o seu momento atual, já é dele, e o seu passado, certamente, Ele já transformou em misericórdia sobre a sua existência.

Não estamos acostumados a agradecer e a louvar ao Senhor, temos a mania de criticar as pessoas que convivem conosco, e principalmente a Deus, quando não conseguimos aquilo que pedimos. Fazer o outro feliz deveria ser a nossa prioridade número um, não importando se vamos receber pelo

menos um obrigado, deveríamos fazer os ou-

tros felizes pelo simples motivo de ver o outro feliz, e nunca cometer algum pensamento contra Deus, pois, quando pedimos, e não alcançamos o objetivo, é por que Deus sabe e conhece o melhor para cada um.

Quanto maior o nosso relacionamento com os outros, maior será a nossa intimidade com Deus, pois Deus não nos criou para sermos pessoas fechadas em si, mas para sermos pessoas de relacionamento, interagindo uns com os outros, ninguém é uma ilha. Todos, precisamos de todos. Necessitamos tanto do médico, como do gari; dos grandes supermercados, quanto daquele vendedor de vasouras, etc. Todos nós, desempenhamos um papel importante nesta criação, que foi feita por Deus, para todos nós. Pense nesse momento, em coisas simples, que Deus está fazendo em você, e por você.

Talvez, a oportunidade de viver, de conhecer melhor os seus familiares,





de saber perdoar. Peça esta graça, e sua vida vai ser transformada. Você, vai perceber o “outro”, como pessoa nova com os mesmos interesses, ou motivações diversas que você. Porém, agora, você sabe conviver com pessoas otimistas ou pessimistas. Sabendo tirar proveito de fatos corriqueiros, para harmonizar o convívio. Não somos acostumados a agradecer; tente dar um elogio sem nada em troca, agradeça, seja gentil com todos. Como dizia “o profeta Gentileza, aquele andorilho do

Rio de Janeiro”: **Gentileza gera gentileza.**

Que o Senhor nos ensine a agradecer, a sermos pessoas capazes de enxergar o outro com mais qualidades do que defeitos. Que as limitações, que são inerentes aos humanos, não nos tirem da caminhada rumo à eternidade. Que saibamos sempre agradecer. Agradecer por TUDO.

** Pe. Eduardo Belotti é Assessor Eclesiástico MFC de Maringá*

Definição de avô

Avô é um homem que não tem filhos pequenos. Por isso gosta dos filhos dos outros. Os avós não têm nada para fazer a não ser estarem ali. Quando nos levam para passear, andam devagar e não pisam nas flores nem nas lagartas. Nunca dizem “Sumam daqui! Vai dormir, agora. Vai para o quarto pensar”. Naturalmente são gordos mas mesmo assim consegue abotar nossos sapatos. Sabem sempre o que a gente quer comer.



Os avós usam óculos e às vezes conseguem tirar os dentes. Os avós não precisam de ir ao cabelereiro pois são carecas ou estão sempre com os cabelos arrumadinhos. Quando nos contam histórias nunca pulam partes e não se importam de contar a mesma história várias vezes. Os avós são as únicas pessoas grandes que têm tempo para nós.

Não são tão fracos como dizem apesar de morrerem mais vezes do que nós. Todas as pessoas devem fazer o possível para ter um avô ainda mais se não tiverem televisão.

** Ana Paula tinha 8 anos quando escreveu o texto acima.*

Extraído do jornal Cartaxo de Florianópolis



PAZ E TERRA

Frei Eliseu Lopes, OP*

Abro o evangelho em busca da bem-aventurança que foi colocada sob o signo da paz. E leio, na bela tradução da Bíblia de Jerusalém (Mat.5,9): “Bem aventurados os artífices da paz porque serão chamados filhos de Deus’.

Filhos de Deus? Por quê?

Certamente a razão desse divino parentesco é que, quando o Pai só se faz visível pelos filhos, é das mãos dos filhos que se recebem os dons visíveis do Pai. E a paz que é dom do Pai será como um sinal de identidade. Como filhos de Deus não hão de ser vistos os artífices das guerras, os portadores do ódio, os responsáveis pelas injustiças. Filhos de Deus não se chamarão os que destroem a paz. Nem os que fogem, nem os que se omitem, nem os que são insensíveis, os que não se empenham em construir a paz que será sempre traída na medida em que não for assumida.

Desde que o Filho de Deus se fez homem e assumiu o Homem, serão chamados filhos de Deus os que se comportarem como irmãos



dos homens os que nos outros homens viem os filhos visíveis de Deus invisível. E provarem o seu amor ao Deus que não veem, amando os filhos do Deus que veem. (I João 4,20).

Artífices da paz jamais poderão ser aqueles que não tiverem um sentido universal da fraternidade humana. Muitos há que pretendem impor limites à paz. Que a pensam em termos domésticos, dentro dos limites de seu grupo ou de seu feudo, ou de sua igreja ou de seu país. Mas não se pode coibir a força da paz. Seu ímpeto não se pode represar. Não se pode limitar sua exigência, sob pena de transformá-la em explosivo. Para sua construção e para o trabalho de seus artífices, a área adequada há de ser a Terra, a Terra toda há de ser o universo do Homem. Só o humano, todo o humano, sem limites nem restrições, pode fornecer material para o edifício da paz.



O desejo da paz ou será universal, ou não será a paz que se deseja. Não existe *uma* paz como pode existir *uma* guerra. Ou existe a paz ou não será paz o que existe. É como a saúde. Doenças se podem ter no plural, mas saúde só se tem no singular.

Se a paz fosse *uma* paz, portanto paz limitada, fora de seus limites se condensariam as forças que a ameaçam. A paz não admite fronteiras. Neste sentido se poderia dizer que ser universal é uma de suas notas. Por sua natureza, a paz é católica.

Este termo exige reflexão de todos que nos dizemos católicos. Será que nos sentimos mesmo católicos, sem aspas e sem grifos? Será que nos sentimos simplesmente universais? A impressão que se tem é que para a maioria a qualificação de católico mais fecha do que abre, mais limita do que expande. Designa algo de externo e não uma exigência interna, mais uma denominação do que uma realidade, mais um acidente do que uma propriedade essencial da fé. Por que esta nota da igreja não foi ainda traduzida, por que usamos ainda sua forma grega? Por que nas traduções do Credo ainda não se proclama a fé na Igreja “una, santa, universal e apostólica”? Quando as palavras se tornam formais e deixam de corresponder, na sensibili-

dade, ao seu significado, são palavras que perderam vitalidade. Não nos chamaremos de “católicos” um pouco como chamamos de “ortodoxos” os irmãos cuja ortodoxia não aceitamos tranquilamente e de “crentes” a outros a cuja crença fazemos restrições?

É preciso, é urgente ressuscitar as palavras ou substituí-las, quando perderam a alma de seu sentido. É preciso, é urgente vive-las se lhes quisermos restituir o calor da vida. Por que transformar as palavras em tabus? Por que ter medo delas? Não será porque ainda não despertamos vitalmente para a universalidade como valor de existência e dimensão da espiritualidade? Não será porque ainda estamos um pouco numa perspectiva de defesa? Não será porque conservamos uma mentalidade sectária e vemos a Igreja, apesar de “católica”, como uma seita entre seitas numa competição pelo domínio das almas?

É estranho sentir o impacto que tem sido o fenômeno do Ecumenismo. Ora, a Igreja, sendo universal, é ecumênica por sua própria natureza. Não se trata de criar instrumentos para cumprir a sua missão: trata-se de ser ela mesma, de ser conseqüente com o que pensa de si. O movimento ecumênico não pode reduzir-se a um mover de braços, mas antes deve ser pal-





pitir de coração. E se a Igreja de Cristo é universal, seu sangue há de banhar o universo todo sem discriminações. Seus elementos institucionais, jurídicos, não de ser como artérias que percorrem toda a Terra, fazendo circular a torrente da redenção universal. Sua missão é de anunciar o Evangelho. Anunciar o amor do Pai, que para isso foi enviado pelo Filho, o revelador do Pai. Identificar os filhos de Deus, explicitando, trazendo à consciência a ilimitada ação do Espírito que encheu o orbe da terra' e atua na intimidade de todos aqueles que lhe dão a acolhida da "boa vontade", aos quais foi prometida a paz, na mensagem natalina. Reconhecer aqueles que se fazem verdadeiros artífices da paz, dentro ou fora de suas fronteiras, os sinais da bem-aventurança.

Verdadeiros artífices da paz são aqueles que se empenham pela construção não de uma paz intramuros mas da paz em termos de humanidade. Católicos verdadeiros são aqueles que imprimem à sua ação e à sua prece um timbre de universalidade, que inspire um verdadeiro humanismo, um profundo e real respeito pela pessoa humana. Neste sentido, trabalharão incansavelmente pela construção não de "sua Igreja" ("sua" enquanto vista partidariamente), mas da IGREJA DE CRISTO UNA, da unidade universal da Igreja, lutando contra a

divisão da Igreja em unidades que se chocam e competem entre si. Se bem-aventurados são os artífices da paz, artífices da paz o serão de modo todo especial, os artífices da unidade da Igreja, a mansão da paz? Isto é tão verdade, que o Senhor Jesus aponta na unidade o verdadeiro sinal que identificará, aos olhos do mundo, a sua missão: "Que eles sejam um como tu, Pai, o és em mim e eu em ti; que eles também sejam um em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste" (João, 17,21) Se não formos um como pode o mundo crer na missão de Cristo, o Filho de Deus, o Rei da Paz? Eis porque serão reconhecidos como Filhos de Deus e artífices da paz os construtores da unidade da Igreja

Tratando da Igreja, o Vaticano II a chama "sinal e Instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano" "germe e início do Reino de Deus", e assim se exprime: "Todos os homens são chamados a esta unidade católica (universal) do Povo de Deus que simboliza e promove a paz universal" (Lumen Gentium. cap I). A unidade será o alicerce da paz.

A paz é um dom, não é um dado. É um dom que vem de Deus, que o Cristo nos trouxe e deve ser distribuído pelos filhos de Deus. Por isso é que serão reconhecidos como filhos de Deus os que a





distribuem. “Economia da salvação”, no denso e rico sentido que tem esta expressão da Tradição, a Igreja é também a “Economia da Paz”. Deve distribuí-la como algo vivo, de cálido, de dinâmico, que cresce, expande-se, frutifica, nutrido com a seiva da História



A paz é um dom, não é um dado. Não é um dado inerte, estático. Como é difícil ver a paz sem inércia! Como é difícil não querer ajustá-la ao status quo? Como é difícil por ela lutar em termos de renovação e de esperança, quando tão grande é a tentação de defendê-la em termos de instalação e de conservantismo! Nada que mais dê impressão de morte do que as ‘conservas’. Morte estéril, parada, preservada. Querer enlatar a paz na rigidez das situações que se conservam, como a preservar injustiças, misérias, desumanizações, e esterilizá-la, interrompendo seu processo vital que exige reformas e reajustamentos ao ritmo do progresso da humanidade. No entanto, cedemos terrivelmente à tentação de contentar-nos com uma paz enlatada em definições de princípios e de direitos que cuidadosamente guardamos nas prateleiras conceituais, Temerosos de expô-los ao ar livre da realidade. Doutrinas, projetos e tratados não faltam. Aí estão, porém, as tensões, as guerras, as notícias diárias de distúr-

bios, os golpes militares e esse rumor surdo de violência que, em nome da paz tiraniza os povos e acumula forças de morte...

Se unidade e universalidade são como atributos da paz, só a TERRA, a terra inteira, a terra unificada pode ser o campo de implantação. PAZ E TERRA são pois termos correlatos. São realidades que se conotam. Valores que se casam

Construir a paz só se pode, se na terra se plantam os seus alicerces. As doutrinas e teorias quintessenciadas aos conceitos, serão anestésias enquanto não nos moverem a um trabalho construtivo em favor dos homens. Podem adormecer-nos no sono da inconsciência, podem de nós *fazer* pessoas tranquilas. Mas não está dito que é bem-aventurado e tranquilo, o quieto, o que dorme, o que repousa, o que desfruta de uma paz egoísta, mas o artífice, o que trabalha e luta pela paz.

Transcrito da Revista Paz e Terra Nº 2

NOTA DA REDAÇÃO:

A pedido de um leitor, republicamos este artigo escrito há 48 anos, por abordar um tema que ainda provoca muita inquietação. O autor, já falecido, foi assessor de MFC em Juiz de Fora(MG).

SALMO DO HOMEM QUE VÊ A REALIDADE E NÃO SE CALA

Ouve, Senhor, estes versos
que te rezo
Ao contemplar a realidade
em que vivo.
Maldito seja o sistema que
não deixa sonhar os poetas
Nem permite dizer a verdade
a quem pensa.

Serão seus dias de luto e de lamento,
Porque matou no Homem o mais digno.
Maldito o sistema que não pratica a justiça

E persegue e tortura e encarcera a quem anuncia.
Terá que justificar sua conduta ante a história
E não encontrará nenhuma palavra de defesa.

Maldito seja o sistema que só procura a aparência de grandeza
Quando estão morrendo de fome os homens nas suas fronteiras;
Do mesmo modo que progrediu cairá,
Porque construiu seus alicerces
Sobre corpos vivos e sangues inocentes.

Maldito o sistema que tenta matar no homem a dimensão de transcendência
E coloca no seu lugar o “deus dinheiro” , o “deus sexo”, e “deus progresso”,
Destruir-se-á por dentro irremissivelmente,
Porque o coração do homem foi bem feito
E ninguém pode matar em nós
Esta sede de infinito que nos queima.

Feliz será, porém,
O homem que bebe água na fonte da praça junto ao povo,
Não terá motivos para se envergonhar de nada,
Nem terá que baixar seus olhos
Ante qualquer homem honesto.
Feliz o homem que a força de interiorizar



Se fez livre por dentro
E não se importa já com a denúncia dos fortes,
Serão seus dias como o trigo da terra.
Cheios de sol e esperança partilhada
E o seguirão os povos da terra.

Feliz o homem que não assiste a reuniões importantes
Nem acredita nos discursos do governo;
Feliz o homem que assim pensa,
Porque terá sempre tranqüila a sua consciência.
Mesmo que sofra a incompreensão e até o desprezo.

Ernesto Cardenal

Cada família do MFC

Assinatura POR ANO!

Este é um compromisso do MFC com a
conscientização e evangelização das famílias
ASSINE OU DÊ DE PRESENTE, CADA ANO,

Envie o nome e endereço
de um filho, parente, amigo,
compadre, afilhado, colega,
vizinho, aluno, freguês...
com um cheque nominal
cruzado ao MFC ou efetue
depósito na conta 27.249-3,
agência 3139-9, do Banco do
Brasil e remeta os dados pelo
e-mail da Revista.

Assinatura anual: R\$ 32,00
(Trinta e dois Reais - 4 edições)

UMA ASSINATURA DE

fato e razão

Tel/Fax: (32)3214-2952
- de 13:00 às 17:00 -

DISTRIBUIDORA MFC DE FATO E RAZÃO

Rua Barão de Santa Helena, 68
Juiz de Fora - MG - Cep 36010-520



SAUDADES AO PÉ DE UM IPÊ AMARELO

*Maria Clara Lucchetti Bingemer**

Neste momento, meus olhos e pensamentos se dirigem para um ipê amarelo. Sob ele repousam e vivem as cinzas do grande educador, teólogo, psicanalista e poeta, o escritor Rubem Alves, falecido há pouco. O ipê amarelo – a beleza – e Cecília Meireles e Fernando Pessoa – a poesia – foram e são, por vontade do próprio Rubem, seus últimos e definitivos companheiros.

Trata-se de uma morte em perfeita coerência com a vida. Pois quem semeou mais beleza do que ele, com seu pensar e seus escritos? Quem jamais viveu tão poeticamente como ele, espalhando poesia por onde passava e ajudando os corações humanos a amá-la?

Rubem Alves nasceu em 1933 e faleceu em 2014, aos 80 anos. Já “há algum tempo con-

versava longamente com a morte e transmitia o conteúdo de suas conversas aos leitores e ouvintes. Assim, por ele e com sua autoridade, ficamos sabendo que quem não conversa com a morte é um irremediável tolo. Mas isso não significa que Rubem Alves fosse alguém triste ou macambúzio. Pelo contrário, poucas pessoas amaram mais a vida do que ele. A ponto de dizer que não tinha medo da morte, mas sim pena de ir-se, de despedir-se desta vida tão bonita e que tanto lhe deu.

Tive contato com Rubem Alves desde os anos 1970, quando ingressei na Faculdade de Teologia da PUC-Rio. Ali, seus textos eram lidos e debatidos por alguns, pois sempre havia a suspeita se seriam realmente textos rigorosos, teológicos, dignos da formalidade da academia. Alguns sem dúvida o eram:





como o famoso *Teologia da Esperança*, um dos primeiros livros sobre Teologia da Libertação; ou o de *Filosofia da Religião*, que se tornou um clássico, *O que é religião*, além do *Enigma da Religião* e *O suspiro dos oprimidos*.

O maravilhoso *Conversas com quem gosta de ensinar* devolveu o gosto e a alegria a muitas vocações pedagógicas frustradas em nosso país, onde a educação é tristemente maltratada e empurrada para um desonrado último lugar. Ensinar, para Rubem, era uma paixão. E ele ansiava por transmitir esta paixão a outros, sobretudo aos que tinham diante de si, em seu cotidiano, uma turma de alunos ávidos por aprendizagem e crescimento.

Os que acompanhamos sua trajetória percebemos que à certa altura da vida a poesia ganhou definitivamente espaço no coração e na criação de Rubem. E seus textos começaram a ser sempre mais poéticos... sem perder em nada a profundidade e a seriedade que sempre tiveram.

Lembro-me de um que me marcou de maneira especial: *Tênis e frescobol*, sobre a relação amorosa entre homem e mulher, o casamento, enfim sobre uniões duradouras e compromissos longevos. Nunca li nada tão leve, delicioso e, ao mes-

mo tempo, tão verdadeiro. Distribuí-o a todos os jovens casais que conhecia e posso testemunhar que foi de grande fruto.

Assim era o querido Rubem Alves. Amigo da beleza e da poesia. Aprendiz de vida conversando com a morte. Crente de uma fé que apostava na pedagogia purificada e purificante do olhar e esperava a ressurreição dos corpos. Mestre apaixonado pela arte de ensinar e pela transformação que vislumbrava vendo os olhos dos alunos a cada coisa aprendida. Apaixonado pelas palavras que ajudavam o ver mais, mais longe, mais profundo.

A saudade que sua partida nos provoca é imensa. Como viver sem ele, seu jeito simples de falar tão belamente sobre as coisas mais sérias e complicadas? Como não ouvir mais as perguntas sábias e desconcertantes com que nos fazia pensar: por que o caqui é vermelho? Voltarei para o lugar onde estive sempre, antes de nascer, antes do Big Bang?

Porém, com ele mesmo aprendemos que “a saudade é a nossa alma dizendo para onde ela quer voltar”. Sentindo a saudade do mestre admirado e querido, a alma me conduz para o pé do ipê amarelo, onde suas cinzas foram lançadas; e me faz voar para mer-





gular e olhar com seus olhos a poesia de Cecília e Pessoa; e me faz olhar as pérolas que as ostras produzem com outros olhos e sentimento; e me faz amar as palavras, para que elas digam com mais verdade o que o olhar contempla.

Muito aprendi, muito aprendemos com Rubem Alves, com sua refinada simplicidade, com sua alma de poeta, com seu olhar transfigurado pela beleza. Importa agora seguir suas pegadas de

pedagogo encantado e encantador. E seguir, como ele, encantando gerações para que descubram, em meio à opacidade cinzenta da vida, o multicolorido das flores e das asas das borboletas.

**Maria Clara Lucchetti Bingemer é Teóloga, professora do Departamento de Teologia da PUC-Rio, autora de "Deus amor: graça que habita em nós" (Ed. Paulinas), entre outros livros. E.mail agape@puc-rio.br*

Transcrito do Boletim Rede

AS SETE MARAVILHAS DO MUNDO

- 1 A Pirâmide de Queops;
- 2 Os Jardins Suspensos da Babilônia;
- 3 O Mausoléu de Helicarnasso (também conhecido como O Túmulo de Mausolo em Éfeso);
- 4 A Estátua de Zeus, de Fídias
- 5 O Templo de Artemiza (ou Diana);
- 6 O Colosso de Rodes
- 7 O Farol de Alexandria





Quem sou eu, quem é você e quem somos nós?

Quem sou eu não é o que aparento ser, não com as minhas características físicas, ou com o que eu falo e faço; tem a ver com a minha essência, com a minha capacidade de perceber potencialidades, necessidades, capacidades e habilidades. Tem a ver com o melhor que habita em mim e que nem sempre conseguem ver, perceber, sentir. É meu, habita em mim e se doa sem que eu perceba, flui naturalmente. Quando eu sou eu, a transcendência é vivida, sentida e percebida por todos e é desse eu que as pessoas se apaixonam, amam e querem ter por perto.

Você é o outro, é aquele que se coloca diante de mim, que se apresenta com o que é, com o que tem, é a diferença que soma com as minhas necessidades e ou que integra as minhas potencialidades, você é a minha expectativa de que o mundo pode ser diferente porque você traz traços especiais que se complementam e se fortalecem no viver. Você é o ombro amigo, é o entusiasmo a ação é a alegria de ver e sentir a manifestação viva do criador, você é a razão pela qual me esforço para ser cada vez melhor na construção de uma vida plena e harmoniosa.

Nós somos uma força maior, o somatório de forças e habilidades empenhadas a realizar o melhor; nós somos uma grande expectativa na construção de um mundo melhor, do meu mundo – do seu mundo, do nosso mundo; somos a esperança de fortalecer aonde os laços são cada vez mais frágeis e indiferentes, somos a capacidade de lutar pela igualdade e aprimoramento da humanidade que carece de atenção, amor e dedicação. Somos a capacidade de amar e construir a felicidade plena. Somos a manifestação pura de que as diferenças somadas constroem o novo e o melhor se manifesta, pois não cabe no eu nem em você, só em nós.

Rubens Carvalho – MFC Vitoria da Conquista
Advanced Coach Sênior
IOM Coaching





NATAL, TEMPO DE FELICIDADE QUE CHEGA.

Oscavo Homem de Carvalho Campos

Está chegando o tempo de Natal. Neste, e nos demais momentos da vida, o Evangelho de Mateus anuncia que Jesus é o mestre que convida o povo de Deus a viver a justiça e a misericórdia.

Jesus, o Messias, proclama para as comunidades de Mateus:

- "Felizes os que têm fome e sede de JUSTIÇA, porque serão saciados. Felizes os MISERICORDIOSOS, porque alcançarão misericórdia" (Mt. 05,6-7);

- "Eu vos asseguro que se a vossa justiça não ultrapassar a dos escribas e a dos fariseus, não entrareis no Reino dos Céus". (Mt 5, 20).

- "Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estou no meio deles". (Mt 18, 20). - "Tive fome e me destes de comer. Tive sede e me destes de beber. Era forasteiro e me vestistes preso e viestes me ver". (Mt 25, 35-36).

Desta forma, com a fé em Jesus Cristo, O FILHO DE DEUS, as





Comunidades de Mateus acolheram e passaram a VER, JULGAR, AGIR, AVALIAR E CELEBRAR em diversos cenários da vida, participando das mais diferentes realidades.

Considerando que os evangelhos são ensinamentos catequéticos, orais ou escritos, sobre as palavras e os atos de Jesus, algumas situações são colocadas para os que desejam fazer do NATAL um tempo de conversão pessoal e comunitária. Assim, são pontos sobre os quais vale a pena uma reflexão de vida.

As comunidades de Mateus acreditam em JESUS O MESSIAS em um universo que está fora e em oposição ao do REI PODEROSO, defensor da lei e esperado pelos FARISEUS.

Na proposta de Jesus estão em confronto O MESSIANISMO DOS EXCLUÍDOS, CONTRA O MESSIANISMO DO “REI”. Jesus é o Messias cuja vida cumpre o plano determinado por Deus. ELE É O VERBO ENCARNADO, O ÚNICO E VERDADEIRO. É o Mestre da lei que deve **ESTAR A SERVIÇO DA VIDA e não a serviço da lei que exclui pessoas, ESPECIALMENTE OS POBRES.**

O agir, A PRÁTICA DE JE-

SUS POBRE, HUMILDE E MISERICORDIOSO CORRESPONDE A JUSTIÇA DE DEUS. Vindo ao encontro do ser humano Ele perdoa, salva, tem misericórdia, é solidário e AMA. É a correção fraterna CONTRA O LEGALISMO E O RIGORISMO HUMANO PRÓPRIO DA SINAGOGA.

- Diante do proposto no Evangelho de Mateus:

A) O que é ser cristão e pertencer à comunidade de Mateus nos tempos atuais?

B) O povo de Deus, rico de nada, tem uma história. NELA, HÁ UM MOMENTO DE DESCOBERTA DE Jesus, UM NOVO COMEÇO, DIFERENTE E INCLUDENTE. Qual deve ser o compromisso dos que se dizem, atualmente, povo de Deus com a justiça e a misericórdia, em uma vida social marcada por situações como: - Menor que assalta e mata; criança que, depois de gritos desesperados, por socorro acaba dopado e morto pelos próprios parentes?

C) O povo de Deus quer praticar a justiça justa. “Como proceder, por exemplo, diante da possibilidade de corrupção, do sofrimento de milhares de pessoas que padecem e morrem, por falta de atendimento, em verdadeiros “holocaustos” hospitalares”?





D) Será que nós, na condição de POVO DE DEUS, devemos cruzar os braços e nada fazer diante da poluição atmosférica, da falta de saneamento básico, das guerras que matam inocentes, das comunicações comprometidas com dominadores e comprometedoras com a manipulação das consciências?

- Enfim, diante das festividades do próximo natal que promete “VENDER MUITO” o que deve ser feito **TENDO EM VISTA A PROMOÇÃO DA FELICIDADE DE**

CADA UM em harmonia consigo, com o próximo e com Deus?

Ver, julgar e agir de forma comprometida com a harmonia universal deve ser entendido como **VOTOS DE UM FELIZ E SANTO NATAL.**

Inspiração bibliográfica; - Vida Pastoral, Paulus; Bíblia Sagrada, Evangelho de Mateus; Eis o MFC; Exortação Apostólica do Sumo Pontífice Francisco, “EVANGELII GAUDIUM”, SOBRE O ANÚNCIO DO EVANGELHO NO MUNDO ATUAL.

Sobre o amor

Como nos ritos do amor e da amizade, assim no universo, cada coisa tem seu sentido, ocupa o seu lugar e está sintonizada com o ritmo da festa e da dança do encontro.

Leonardo Boff

O tempo é muito lento para os que esperam, muito rápido para os que têm medo, muito longo para os que lamentam, muito curto para os que festejam. Mas, para os que amam, o tempo é eternidade.

William Shakespeare

O tempo que dedicaste a tua rosa fez com que tua rosa fosse importante. A gente só conhece bem as coisas que cativou.

Saint-Exupéry

O amor não cansa nem se cansa.

São João da Cruz

Trata-se de realizar em nós a consciência da afinidade fundamental com todos os seres do Universo.

Huberto Rohden

Programa Nacional de Formação à Distância



CONDIN
Conselho Diretor Nacional
SENFOR
Secretariado Nacional de Formação

TEMA 1: A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA EM MEIO AOS DESAFIOS DA REALIDADE ATUAL

3º MÓDULO: O papel da família como agente essencial de educação - Alguns desafios específicos da educação em casa – A urgência do ensino de valores cristãos na família

ORAÇÃO INICIAL

Vinde, Espírito Santo, enchei os corações de vossos fiéis e acendei neles o fogo de vosso amor. Enviai o vosso Espírito e tudo será criado, e renovareis a face da Terra.

Oremos: Deus, que instruístes os corações de vossos fiéis com a luz do Espírito Santo, fazei que apreciemos retamente todas as coisas, segundo o mesmo Espírito, e gozemos sempre de sua consolação. Por Cristo, Senhor nosso. Amém.

INTRODUÇÃO

Na recente Copa do Mundo de Futebol, houve um fato que chocou a todos: um jogador agrediu seu colega de profissão com uma mordida no ombro e foi suspenso da competição. O caso teve ampla repercus-



são dentro e fora do país, gerando especulações sobre aspectos psicológicos e comportamentais envolvidos no evento.

Possivelmente alguns acharam graça enquanto outros se mostraram indiferentes, acostumados que estão aos fatos exemplos de má educação de jovens e adultos nos dias atuais. Entretanto, aos que estão atentos à problemática social, um caso desses (sem querer atribuir a responsabilidade exclusiva do ocorrido ao fator educacional) pelo menos ilustra a importância da preparação de pais e demais familiares educadores para a difícil tarefa de formar pessoas (crianças, jovens e adultos) para a cidadania e para a prática de valores cristãos.

Uma conhecida história ensinada por nossos pais e avós contava que um ladrão fora preso e condenado à morte, de acordo com as leis de seu país. Foi-lhe concedido ver a mãe pela última vez. Diante dela, em



vez de abraços, beijos e lágrimas, arrancou-lhe um pedaço do nariz, marcando seu rosto gravemente. Ao ser agarrado pelos guardas, gritou: “Vou morrer agora porque não fui corrigido por meus pequenos furtos quando era criança”.

Temos sinais claros de estar vivendo em uma sociedade doente. Vemos muita coisa nos telejornais que mostram a gravidade do fenômeno social da violência. Sem fazer muito esforço, lembramo-nos rapidamente de alguém que atira em seu semelhante por causa de um celular; de outro que bate em um morador de rua; de vários casos de motoristas bêbados que morrem e matam com seus carros; de outras muitas pessoas que não conseguem dormir porque os vizinhos mantêm o som alto tarde da noite...

E aí? Será que esses problemas são de exclusiva responsabilidade das autoridades, do governo? Onde entra a questão familiar? Aquele motorista que ultrapassa pela direita na estrada, o arrogante que fura a fila no banco, aquele que não considera a opinião dos outros, o que mente para conseguir vantagens e tantos outros exemplos que conhecemos bem... Teriam essas pessoas recebido boa orientação familiar ou sido corrigidas por seus educadores (pais, tios, avós, padrinhos) quando mentiam ou faziam algo errado na infância? Foram preparados para conviver com os outros ou para levar vantagem em tudo?

De que adianta para a construção de uma sociedade saudável a

família ter um ótimo nível cultural e uma boa situação econômica se não é capaz de formar pessoas que saibam respeitar a dignidade do ser humano, que entendam a necessidade de reconhecer o direito dos outros do jeito que exigem o respeito pelo seu?

PARA REFLEXÃO E PARTILHA

Diante do exposto, é provável que nos lembremos de vários exemplos no comportamento de outras pessoas. E quanto à minha vida adulta, recordo-me de alguma vez em que fui mal-educado (a)?

ALGUNS DESAFIOS ESPECÍFICOS DA EDUCAÇÃO EM CASA

Alguns dizem que, com o aumento da complexidade da sociedade, a família tenderia a desaparecer. A experiência prática não só não confirma tais teorias como revela o contrário: a família permanece como elemento fundamental na vida dos indivíduos.

A maioria dos animais aprende sozinha algumas habilidades que lhe são necessárias, como, por exemplo, os patos, que nadam por instinto. O humano, todavia, não é como os patos. As crianças dependem dos adultos para aprender a conviver com os vários ambientes sociais. A grande responsabilidade inerente à constituição da família e à paternidade é abordada, por exemplo, em atividades de preparação para o casamento e desperta grande interesse e participação. Entretanto, muita gente só atenta para isso quando os problemas educacionais começam a apa-





recer e as interrogações se multiplicam. Sabemos que não existem receitas sobre o que e como fazer para lidar com tais dificuldades, mas também sabemos que nossas famílias constituem uma importante referência para isso. É na família, portanto, que se constrói o embasamento para que os jovens, na fase adulta, se transformem naturalmente em educadores.

Um dos pilares desse desafio para as famílias corresponde à clareza sobre seu papel no processo de desenvolvimento infantil. Uma família pode representar referência de amor ou de egoísmo para todos os seus membros. São as atitudes dos adultos que mostrarão aos mais jovens como viver não somente dentro do lar, mas principalmente fora dele. Se queremos que as crianças se transformem em pessoas dignas, que consigam seu espaço no mundo por seus próprios méritos e mais, que consigam dar sentido às suas vidas, é necessário que utilizemos muito bem o tempo de convívio com eles.

Aí está um terrível obstáculo para pais e mães na atualidade: a baixa **disponibilidade de tempo** para a família. Muitos acreditam que o essencial reside em proporcionar aos filhos o conforto “que não tiveram quando eram crianças”. Para isso, matam-se de trabalhar e deixam em segundo plano a convivência conjugal, com as crianças e com os jovens. Caem na armadilha do consumismo, que freneticamente apresenta bens sempre mais atraentes e caros, alimentando sua cor-

reria para conseguir pagar tudo, deixando de acompanhar a obra de construção da felicidade familiar. Como resultado, não há tempo para o **diálogo**, para a partilha de vidas da qual todos nós precisamos para sobreviver de forma harmônica. Contudo, se buscamos educar de verdade para ajudar na formação de personalidades equilibradas, é imperativo que encontremos os espaços necessários para a prática do diálogo. Esse é um desafio para cada adulto na família.

O processo educacional é contínuo e requer **persistência** por parte dos adultos. Sabemos que realmente aprendemos aquilo que nos habituamos a fazer. Pais conscientes sabem muito bem que não basta falar algumas vezes sobre lavar as mãos antes das refeições ou tomar banho regularmente. E preciso insistir e não desistir nunca. Ninguém, em sã consciência, deixaria uma criança lidar com objetos perigosos que fossem feri-la; assim, toma-lhe a tesoura, a faca e a afasta do fogão ou do ferro de passar sempre que necessário. Trata-se de tarefa muito difícil para os pais: insistir nas **orientações** dadas, nas correções diárias e no indispensável **estabelecimento de limites** nas variadas situações do dia a dia familiar. Assim como não se pode abrir mão do uso do cinto de segurança (pela própria segurança do passageiro), é preciso não desistir de ensinar aos mais jovens (em nome do amor a eles) que todos temos deveres. Há pais, tios e avós que não os corrigem e atendem a todos os pedidos com receio de perder o amor deles. Adultos que



assim agem são provavelmente aqueles que entregarão carros ou motos para adolescentes despreparados. Estão mais preocupados consigo mesmos do que com a formação desses jovens. Nós conhecemos as tristes consequências desse comportamento...

Uma questão básica não pode ser esquecida: a **autoridade** dos pais e educadores. Não se trata aqui de *autoritarismo*, que sempre produz efeitos nocivos aos educandos, dificultando seu desenvolvimento pessoal e seu amadurecimento para a liberdade. Há aqueles que ainda conservam a ideia da educação antiga e tradicional, em que o pai mandava e os filhos obedeciam, com pouquíssimo ou nenhum espaço para o diálogo, verdadeiro educador dos filhos para o correto entendimento do que seja ser livre. A genuína autoridade traduz a ideia de direito ou poder de atuar e decidir, mas também significa força de convencimento, que alimenta o sentimento de respeito e consideração. Se a autoridade caracteriza a condição da paternidade, será também conquistada pela conduta de quem a tem. São os **exemplos** de prática dos valores que ensinamos que tornarão a apreensão efetiva. Pais são como espelhos para os filhos, diz a sabedoria popular. De uma maneira geral, os filhos esperam a autoridade dos mais velhos; podem reagir de formas diferentes a ela, mas estarão expressando sua carência de orientação à sua maneira. Caberá aos educadores atentarem para fazer do ambiente familiar o lugar de consolidação de uma autoridade

construtiva, isto é, coerente com suas ações e voltada para o amor.

A URGÊNCIA DO ENSINO DE VALORES CRISTÃOS NA FAMÍLIA

Já é difícil educar diante do despreparo que sentimos em várias situações, bem como do desafio de encontrar tempo para o diálogo e para sua prática de forma construtiva. Como se não bastassem essas e outras dificuldades, os educadores familiares precisam estar de olho nas babás eletrônicas que “contratam” para os seus lares, como, por exemplo, a televisão e as redes sociais de comunicação.

Com frequência percebem-se posturas de alienação, insensibilidade e indiferença diante da realidade, farta em exemplos de desrespeito à dignidade das pessoas. Estaria a globalização neoliberal impondo seus apelos consumistas e hedonistas de maneira tão eficaz? Será que os adultos estão desistindo de reagir às influências dos meios de comunicação social? Estimular os mais jovens para o cultivo de valores que aprendemos em nossos lares como a honestidade, a responsabilidade, a solidariedade, o respeito e o perdão, dentre outros, apresenta-se como tarefa urgente para a família cristã.

Muitos pais sentem-se inseguros em suas certezas ao ensinar em consequência da inconstância dos tempos atuais. Nas palavras do Papa Bento XVI, o mundo vive uma “espécie de ditadura do relativismo, que mortifica a razão, porque afirma que o ser humano não pode conhecer com segurança nada além do cam-



po científico”. Poderíamos acrescentar que nossos valores estão sendo questionados a menos que a TV ou alguma revista concorde com eles... Como ficam nossas convicções? É urgente que cristãos assumam sua fé com atitudes críticas diante das mensagens alienantes de consumo e de hábitos morais que invadem nossas casas e deseducam crianças e jovens.

Em meio a tudo isso, uma notícia boa (extraída do *Correio do MFC*, número 358, junho de 2014):

“Poucos se deram conta de que, a 4 de abril deste ano, a presidente Dilma assinou a Resolução 163/2014, do Conselho Nacional da Criança e do Adolescente (Conanda), que proíbe publicidade abusiva direcionada a crianças e adolescentes. (...) Pais e educadores sabem o quanto crianças e adolescentes, sem maturidade e discernimento, ficam expostos à publicidade abusiva. Ídolos do esporte são usados em propaganda de bebidas alcoólicas; alimentos com alto teor de gorduras saturadas são apresentados como saudáveis; guloseimas que provocam obesidade precoce aparecem revestidas de embalagens sedutoras. Enquanto a família e a escola querem formar cidadãos, a publicidade quer formar consumistas, considerando o lucro do anunciante acima da preservação da saúde física e psíquica.

Estudos demonstram que crianças e adolescentes aderem às drogas por transferirem para a TV e a internet seu universo onírico. Os sonhos químicos tentam preencher o

vazio da mente que não exauriu a fantasia no período da infância.

A Constituição brasileira dispõe no artigo 227: É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida (...), à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-las a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.”

Com a ajuda de leis que zelem pela liberdade das pessoas, animamo-nos ainda mais a reforçar o papel dos educadores. Pais que procuram viver sua opção pelo Evangelho, isto é, que buscam ser exemplos de vida para seus filhos estão plantando as sementes dos valores cristãos em suas mentes e corações. Tarefa árdua, porém, missão insubstituível da família evangelizadora. Vamos nos lembrar das palavras do Papa Francisco: “Todas as famílias precisam de Deus, da sua misericórdia”.

PARA REFLEXÃO E PARTILHA

- O texto apresenta alguns dos desafios para a educação na família, como a disponibilidade de tempo para o diálogo, a necessidade de insistir nas orientações, a importância dos exemplos de vida. Sabemos que há outros. Quais seriam os meus desafios?

- Posso partilhar algum exemplo de atitude que contribui no ensino de valores cristãos na minha família?



REFERÊNCIAS BÍBLICAS: Mt 12, 33; Mc 9, 42; Mt 6, 19-24; Mt 7, 15-20;

ORAÇÃO FINAL(sugestão)

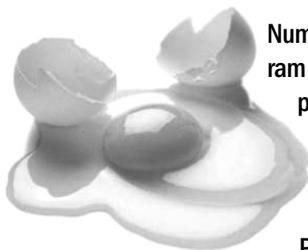
Senhor, nós Te agradecemos por todos os que estamos buscando refletir e aprender, na esperança de errar menos e amar mais. Sabemos que algumas sementes podem cair em terra seca e não germinar, mas também sabemos que contamos com Tua luz no caminho da busca da fortaleza e da sabedoria. Fica conosco, Senhor, e abençoa nosso esforço. Amém.

Pai-Nosso - Ave-Maria

Fontes de consulta: Família no século XXI; Pais: amigos ou censores?; É possível educar sem palmas?; Palavra do Papa Francisco na missa conclusiva da peregrinação das famílias; Correio do MFC, número 358, junho de 2014; arquivos pessoais.

Contribuição da Equipe de Coordenação do MFC-MG

Colaboração recebida por e.mail de Geraldo Leal da Silva



Num curso de 'AGENTE DE SAÚDE COMUNITÁRIA' me ensinaram que, na hora da queimadura, seja lá a extensão que for, a primeira providência é colocar a parte afetada debaixo de água fria corrente até que o calor diminua e pare de queimar outras camadas de pele. Depois devemos passar clara de ovo, levemente batida.

Pois, pasme, na semana passada, uma amiga queimou uma grande parte da mão com água fervendo. Colocou então a mão em baixo da torneira, bastante tempo, para tirar aquele calor inicial, porque a dor era violenta.

Então abriu 2 ovos e separou as claras, bateu um pouco, e ficou com a mão naquela coisinha chata, que era a clara. Estava tão queimada a mão, que assim que ela colocava a clara em cima secava e ficava uma película, que depois ficou sabendo que era colágeno natural. Ficou pelo menos uma hora colocando camadas de claras na mão.

À tarde, não sentia mais dor alguma, e no dia seguinte apenas havia a marca vermelha arroxeadada onde havia queimado. Pensou que ficaria com uma cicatriz horrível, mas para sua surpresa, depois de 10 dias não está com nenhuma marca do acontecido. Nem a cor da pele mudou. A parte queimada foi totalmente recuperada pelo colágeno existente na clara de ovos, que na verdade é uma placenta cheia de vitaminas.

Repasse! Sempre existe alguém que pode precisar.

Instituto de Botânica - Seção de Ficologia

Caixa Postal 4005 - 01061-970 São Paulo, SP, Brasil.



*Para o ano novo, desejamos aos
nossos leitores que...*

“... se for pra fazer guerra, que seja de travesseiro.

Se for pra ter solidão, que seja no chuveiro.

Se for pra perder, que seja o medo.

Se for pra mentir, que seja a idade.

Se for pra matar que seja a saudade.

Se for pra morrer que seja de amor.

Se for pra tirar de alguém, que seja a sua dor.

Se for pra ir embora, que seja a tristeza.

Se for pra chorar um dia, que seja de alegria.

Se for pra cair, que seja cair na folia.

Se for pra bater, que seja um bolo

Se for pra roubar, que seja um beijo.

Se for pra matar, que seja de desejo.”

Álvaro Socci

